

BLIMUNDA

THE CHILD AND
THE BOOK
CONFERENCE

FESTA DO JAZZ NO SÃO LUIZ

ORPHEU GRASS

URGENTE É A POESIA

SEBASTIÃO SALGADO

GALEANO MASPERO OLIVEIRA

ENTREVISTA A
MURONG
XUECUN

HERBERTO

De um artigo de Eduardo Galeano: «Nunca foi menos democrática a economia mundial, nunca o mundo foi mais escandalosamente injusto. A desigualdade duplicou em trinta anos. Em 1960, 20% da humanidade, a parte que mais bens possuía, era trinta vezes mais rica que os 20% mais necessitados. Em 1990, a diferença entre a prosperidade e o desamparo tinha subido para o dobro, e era de sessenta vezes. E nos extremos dos extremos, entre os ricos riquíssimos e os pobres pobríssimos, o abismo torna-se muito mais fundo. Somando as fortunas privadas que, ano após ano, são exibidas com obscena fruição pelas páginas pornofinanceiras das revistas *Forbes* e *Fortune*, chega-se à conclusão de que 100 multimilionários dispõem atualmente da mesma riqueza que 1500 milhões de pessoas.» Creio que ao lado disto ficará bem a citação de Almeida Garrett que usei como epígrafe de *Levantado do Chão*: «E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico?»

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote Diário IV* (1998)

04

**Finais que são
começos**
Editorial

06

**Leituras
do mês**
Sara Figueiredo Costa

11

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

15

**Murong Xuecun
Escrever contra
o silêncio**
Sara Figueiredo Costa

27

**Herberto Helder
Poemas
escolhidos**

36

**Urgente é
a poesia**
Projetos de montras para livrarias

45

**Centenário
do Orpheu**

54

**As estórias da Festa
do Jazz**
Sérgio Machado Letria

61

Carlos Martins
Entrevista

67

**«That Night the
Blind Man Dreamt
That He Was Blind»**
Matt Pavolka

71

**Sebastião
Salgado**
Pilar del Río

75

#revistablimunda

80

**The Child
and the Book
Conference**
Andreia Brites

90

Dicionário
Ana Saldanha
Madalena Moniz

91

Espelho Meu
Andreia Brites

93

Notas de rodapé
Andreia Brites

94

**Uma das flores
mais bonitas
do mundo**
Ondjaki

101

**Se não saís de ti,
não chegas
a saber quem és**
Adriana Lisboa

112

Agenda

Finais que são começos

«Foi, mas fica. Não quero *palavrear* as emoções, mas digo que neste mundo há finais que são começos, mortes que são nascimentos. E disso se trata. Sempre estive ao lado dos perdedores. Nos fará falta, mas continuará ecoando através de seus livros.»

Com estas palavras Eduardo Galeano despedia-se de José Saramago em 2010.

No último dia 13 de abril foi a vez de o escritor uruguaio, homem que também sempre estive ao lado dos perdedores, partir. Horas antes, sabia-se da morte de Günter Grass. Tudo isto quando ainda assimilávamos a dor da partida de Herberto Helder, no final de março. Perdas demais em tão pouco tempo.

Foram, mas ficam.

E agora cabe-nos a nós, leitores e guardiões do legado que deixaram, fazer com que os seus livros, as suas ideias, continuem a circular; fazer com que as palavras ditas e escritas ecoem permanentemente.

No caso de José Saramago assistimos diariamente a um destes finais que são começos, como disse Galeano. No mês passado, em Washington DC, realizou-se um tributo ao autor de *Ensaio sobre a Cegueira* com a presença da escritora colombiana Laura Restrepo e de dois jovens escritores distinguidos com o Prémio José Saramago: Ondjaki e Adriana Lisboa (a intervenção de ambos pode ser lida na secção Saramaguiana da *Blimunda* deste mês). Também nos Estados Unidos, um trabalho de um ano de preparação foi posto em cena no último dia 10 pelo Quantum Theatre's – trata-se da adaptação do romance *Todos os Nomes*. Em Atenas, na Grécia, outro grupo teatral estreou no último dia 16 uma peça a partir de *O Homem Duplicado*. O romance *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*, publicado no ano passado, acaba de ser traduzido para o romeno, ocupando há algumas semanas a lista

dos mais vendidos no México. Multiplicam-se pelo mundo as atividades em torno da sua obra.

Sim, faz-nos falta a sua presença física – como nos farão falta as de Herberto Helder, Günter Grass e Eduardo Galeano –, mas a ausência é menos dolorosa porque a(s) sua(s) voz(es) continua(m) a ser ouvida(s), reproduzida(s) e reinterpretada(s). No documentário *José e Pilar*, de Miguel Gonçalves Mendes, Saramago diz que o seu ideal de vida era ser árvore. «A árvore está ali, alimenta-se diretamente do chão, da terra, cresce, abre-se, dá flor ou frutos, e vive o tempo que tenha que viver – uma sequoia vive mil anos, há oliveiras no nosso país que são várias vezes centenárias –, mas tudo acaba.»

As cinzas de José Saramago estão depositadas debaixo de uma oliveira diante da Casa dos Bicos, a sede da Fundação que leva o seu nome. E essa árvore, agora na primavera e depois dos castigos do inverno, está a florescer outra vez, porque há mortes que são também começos.

Blimunda 35

abril 2015

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794



ONDE ESTAMOS

WHERE TO FIND US

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ
SARAMAGO
FOUNDATION
CASA DOS
BICOS

Graneña

VVAA Regra de Três Praia Grande Edições

Um livro para o ano inteiro



Chegado à sua quarta edição, o festival literário de Macau, Rota das Letras, prossegue a tarefa iniciada há dois anos de publicar anualmente um volume reunindo contos e outros textos de autores presentes no encontro. *Regra de Três* contém os textos escritos por autores que estiveram na edição de 2014 e, à semelhança dos livros anteriores, tem edições em português, inglês e chinês (com um volume para cada idioma). Reunir num mesmo volume autores com registos, abordagens literárias e vozes tão diferenciadas não pode ter outro resultado que não o da heterogeneidade. E se essa heterogeneidade revela um inevitável desequilíbrio, com textos fortes partilhando as páginas com algumas prosas que não escapam ao lugar-comum, por outro ela é representativa daquilo que um festival literário pensado para o grande público não pode deixar de ser: plural. Assim, se o leitor que nada sabe do Rota das Letras beneficiaria muito com uma escolha que reduzisse aos mais interessantes e literariamente ricos estes textos, o festival perderia o

seu objectivo se não incluísse o muito bom e o menos bom num volume que se quer representativo desse acontecimento. A ordem alfabética ditou que fosse Afonso Cruz a abrir a coletânea e o seu conto, «Doce de arroz para a eternidade», é um dos mais formalmente ricos de todo o livro. Com o jogo de sentidos que lhe é habitual, Afonso Cruz transforma o cenário de jogo que também é Macau num tudo ou nada apaixonado, cruzando desejo e ameaça num trabalho de linguagem que parece simples e nessa aparência guarda todo o seu esplendor. Outros textos merecem destaque, das impressões de Macau assinadas por Andrea Del Fuego à fantasia aventureira de João Paulo Borges Coelho, passando pela curta narrativa de Yan Geling a instigar a vontade de ler mais sobre a cidade de A-Ma. Aos contos juntam-se poemas de vários autores, e neste apartado é imprescindível chamar a atenção para a poesia de Bei Dao, um dos mais reconhecidos poetas da China contemporânea. Há também espaço para o ensaio nesta coletânea, com Miu Bing

Chen e Li Guanding a escreverem sobre livros que falam de Macau. Aos textos dos autores presentes na edição anterior do Rota das Letras juntam-se, fechando o livro, os vencedores do concurso de contos lançado anualmente pelo festival: um conto em cada uma das três línguas «oficiais» do evento, português, inglês e chinês, da autoria de Regina Nadaes Marques, Kevin M. Maher e J. Gool. Depois de *Não Há Amor Como o Primeiro*, de *Dois Dará* e deste *Regra de Três*, resta esperar pelo quarto livro desta colecção para confirmar aquilo que já parece óbvio, ou seja, que o Rota das Letras não cumpre o seu programa apenas durante os dez dias do evento, procurando estender o trabalho de divulgação literária e de afirmação de um ponto de encontro das literaturas em língua portuguesa, chinesa e de outras paragens ao longo de todo o ano. Em 2016, o festival literário de Macau cumprirá a sua quinta edição e já se fazem apostas, na terra onde tudo se joga, sobre que trocadilho literário-matemático figurará no título do próximo volume de textos.

Perdas I Günter Grass

Günter Grass, o escritor laureado com o Prémio Nobel da Literatura em 1999, morreu no passado dia 13 de abril, aos 87 anos. Com uma obra extensa, marcada por uma reflexão inquieta sobre a história europeia e, particularmente, o papel da Alemanha nessa história, Grass deixou vários livros que justamente merecem o epíteto de essenciais. No jornal *Público*, o crítico José Riço Direitinho escreve sobre *O Pregado* e *O Tambor de Lata*, destacando-os entre os livros que o autor nos deixa: «Grass parece ter querido explorar as possibilidades de contar histórias mas sem nunca se desviar muito das suas referências literárias (uma delas foi Alfred Döblin). O livro foi escrito e publicado numa altura em que muito se teorizava sobre «a morte do romance», e Grass não deixa de ironizar quando a personagem Oskar começa a escrever as suas memórias: «Pode-se começar uma história pelo meio e criar confusão, avançando e recuando com

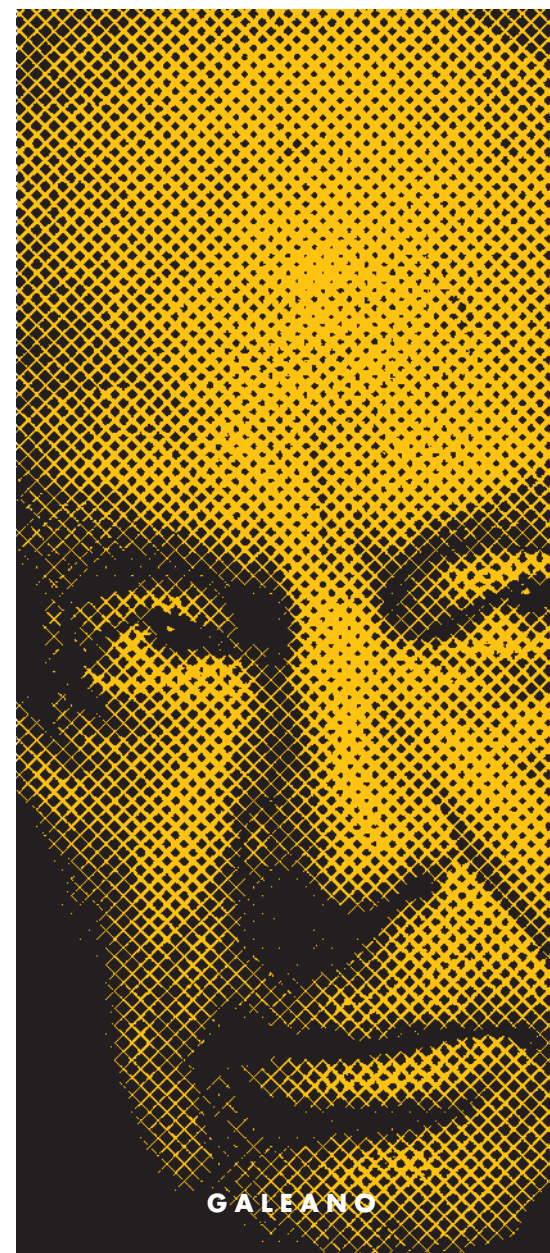
ousadia. Pode-se assumir uma pose moderna [...]. Também se pode afirmar logo de início que hoje em dia é impossível escrever um romance, mas depois, por assim dizer dissimuladamente, produzir um *best seller* bem espesso para o autor se apresentar por fim como o último dos romancistas.»

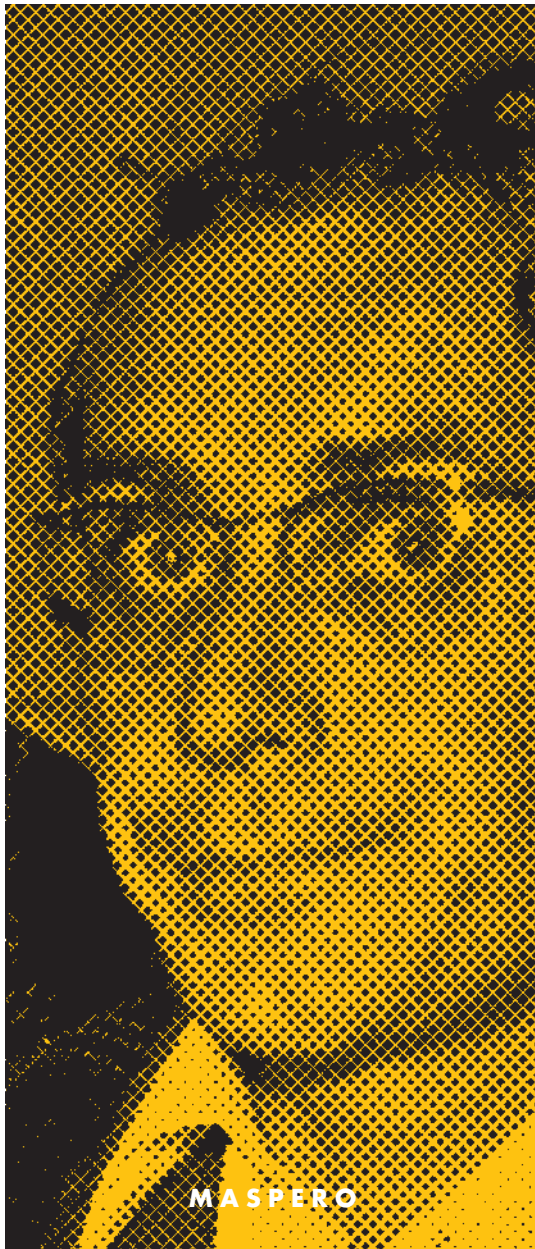


Perdas II Eduardo Galeano

Num mês de muito má memória para a literatura e a cultura, também Eduardo Galeano nos deixou. Sobre o escritor uruguaio com uma obra extensa, na qual se destacará sempre *Las Venas Abiertas de America Latina* pelo tanto que marcou as lutas contra as ditaduras na América Latina, o jornal argentino *Página 12* publicou um dossier especial, com textos e comentários de vários autores. Um deles, de Eduardo Aliverti, fala sobre a simplicidade, aquela qualidade tão difícil de alcançar na vida como na literatura, e sobre o modo como Galeano cultivava o

dom da palavra, escrita ou oral, enquanto observava atentamente o mundo ao seu redor: «En esos papelitos, no me cabe la menor duda, estaba el resumen de la sensibilidad social de Galeano. Y entre eso, su capacidad de observación y el talento para transcribir, se encuentra el secreto obvio de una obra monumental. No tenía una técnica específica para escribir, quizá con la única excepción de las frases cortas. Una vez escuché decir que sus palabras eran como cuchillos, porque siempre – siempre – tenían la propiedad de atravesar al lector. Tal vez sea una definición algo cursi, pero es indesmentible. Uno no encuentra oraciones de Galeano que lo dejen indiferente, porque son todas de una precisión asombrosa en el logro del objetivo. Es el escritor de las imágenes y los sonidos. Sus textos se ven y se oyen como pocos o ninguno.»





Perdas III François Maspero

No desaparecimento de François Maspero, o editor francês, vários foram os jornais francófonos que lhe dedicaram dossiers. O *Le Monde* traça-lhe o perfil, sem esquecer a sua reinvenção como jornalista, escritor e tradutor, depois do fim da editora que criou com o seu nome, bem como a censura que tentou por todos os meios impedir a circulação dos livros que publicou: «La censure gaulliste s'abat immédiatement: une quinzaine d'interdictions frappent les livres et les trois premiers numéros de *Partisans*. Avec les Editions de Minuit, fondées par Jérôme Lindon, les éditions Maspero sont les seules, en France, à oser braver le pouvoir et la répression – sans oublier les attentats, nombreux, de l'extrême droite et de l'OAS.» Também no *El País* se escreveu sobre o homem que nunca desistiu de publicar os autores e os livros que queria, mesmo quando isso era incómodo para o sistema, e que morreu no mesmo dia que Günter Grass e

Eduardo Galeano: «Abiertamente de izquierdas, algunas de sus publicaciones fueron prohibidas y le costaron varias denuncias, multas y hasta la supresión de sus derechos cívicos. A los cincuenta años cedió la editorial y, después de un accidente de moto y una tentativa de suicidio, decidió dedicarse a la escritura. Entre sus obras hay novelas y relatos de viaje, como *La sonrisa del gato* o *Balkans-Transit*. Durante sus últimos años se dedicó a la traducción de autores hispanos, entre los que también figuraban Fernando Savater y Eduardo Mendoza.»



Perdas IV Manoel de Oliveira

Poucos dias depois da morte de Herberto Helder, a cultura portuguesa via desaparecer outro dos seus nomes essenciais. Manoel de Oliveira, o cineasta que atravessou mais de um século de câmara em punho, morreu aos 106 anos, deixando

uma obra ímpar. No site do Cineclube de Viseu, republica-se o ensaio «Espírito e matéria em Manoel de Oliveira», de Fausto Cruchinho, originalmente publicado na *Argumento* n.º 111, de 2003. Um excerto: «O cinema de Oliveira é, assim, um cinema da matéria. Vemos o que vemos, mas o invisível é sempre um valor presente e, no limite, desejado», como nos refere João Lopes. Ora, Oliveira trabalha obsessivamente a matéria, a base material a partir da qual constrói a narrativa ou o objeto filme, numa desconfiança básica de tudo o que não tem uma existência material. A base é realista, sem participar (antes pelo contrário) do realismo cinematográfico *strictu sensu*, como refere Denis Levy. O trabalho realista é oriundo de uma herança antiga vinda diretamente do cinema mudo e da sua construção narrativa teatral.»

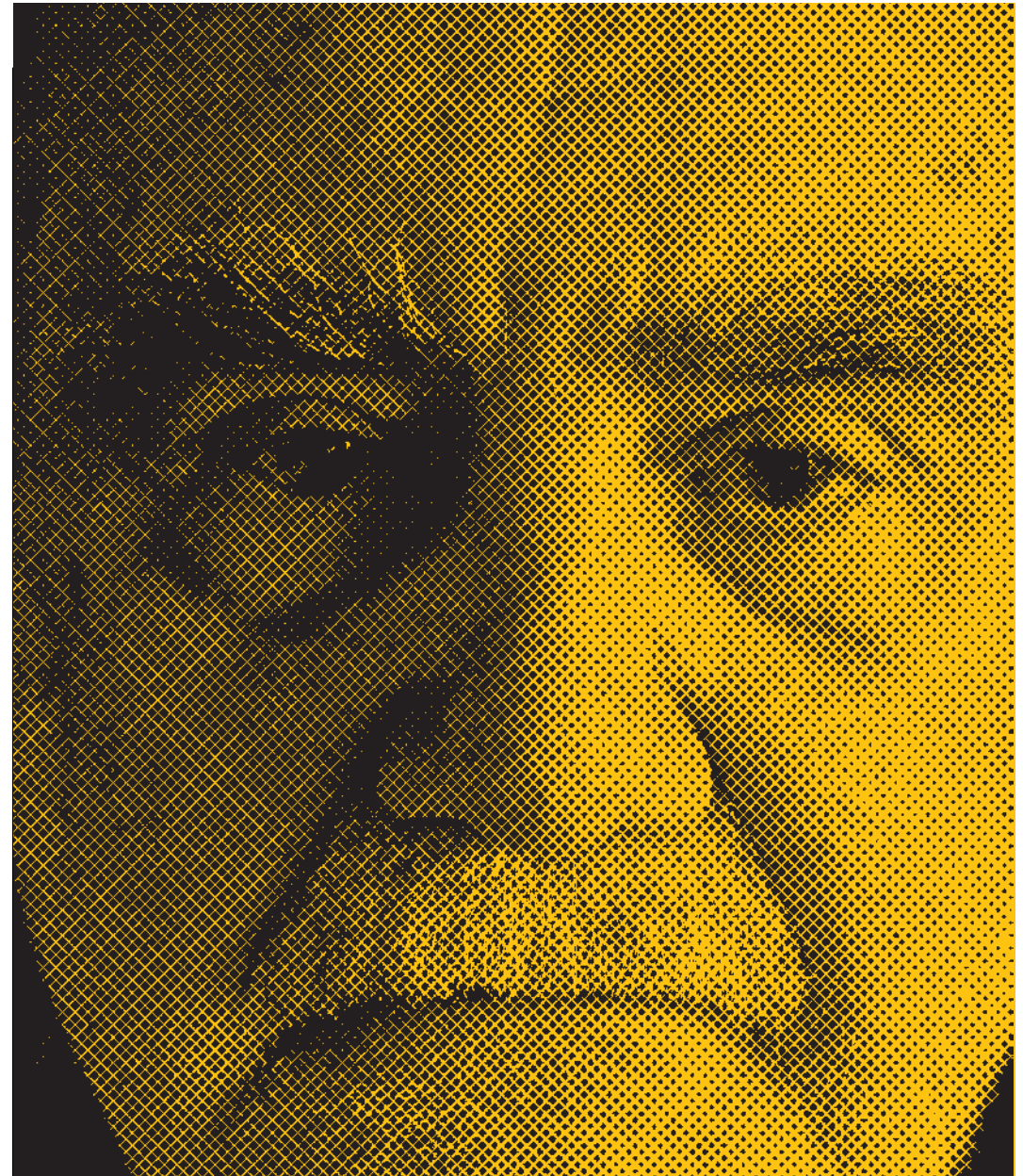


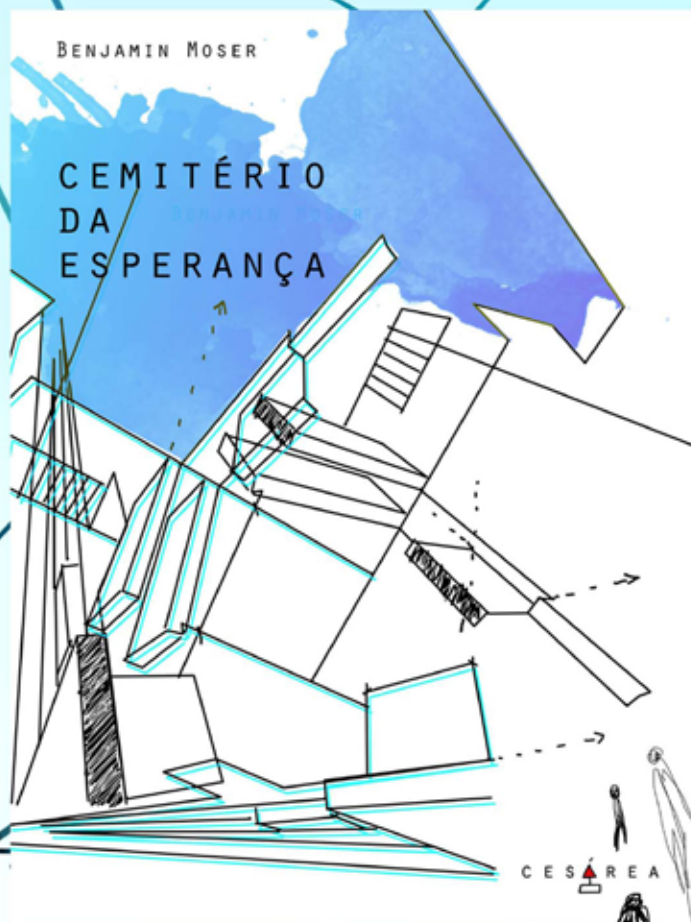
Perdas V

Herberto Helder

Nascido em 1939, no Funchal, pouco mais se sabe sobre o poeta de *Ofício Cantante* do que a data do nascimento e a da sua morte, no passado dia 22 de março. E apesar dessa opacidade biográfica, tão pouco relevante para o trabalho literário, Herberto Helder foi o último reduto consensual na poesia portuguesa e é aquele nome que, tudo indica, perdurará para a segunda metade do século XX como Pessoa para a primeira. No *Público*, o crítico António Guerreiro escreveu sobre o autor. Um excerto: «Esta força enorme teve um efeito: o chamado “efeito Herberto Helder”. Tal como Fernando Pessoa tinha sido o grande poeta forte, em relação ao qual todos aqueles que vieram a seguir tiveram de se situar, também Herberto Helder foi um poeta forte para muitos que vieram a seguir, um centro de atração que provocou muito epigonismo. Quando, em 1985, publicou

a sua “antologia de vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa”, intitulada *Edoi Lelia Doura*, percebeu-se melhor que se fixava nesse livro uma constelação de poetas que não seguia as cartografias canónicas. Herberto Helder foi muito parco nas manifestações públicas acerca dos poetas que vieram depois de si, mas teve a vontade de escolher e inventar a sua própria tradição.»





C E S  R E A

EM ENSAIO INÉDITO EM PORTUGUÊS,
O HISTORIADOR E ESCRITOR
AMERICANO BENJAMIN MOSER TOMA
BRASÍLIA COMO UM ESTUDO DE CASO
DOS PROBLEMAS ARQUITETÔNICOS
ENFRENTADOS PELO BRASIL HOJE.

CESAREA.COM.BR

O VALOR DOS DOWNLOADS DA OBRA SERÁ REVERTIDO PARA
O MOVIMENTO #OCUPEESTELITA.



O Que Não Pode Ser Salvo

Pedro Vieira
Quetzal

Ao segundo romance, Pedro Vieira confirma um estilo e uma voz seguros. Regressando ao ambiente suburbano, desta vez na Margem Sul de Lisboa, o autor coloca em conflito personagens representativas de um certo ar do tempo, entre os supostos modernos da capital e uma classe operária que já perdeu o direito ao nome. De Shakespeare a Eça de Queirós, Vieira navega com segurança o cânone, entretendo-se a despedaçá-lo ao sabor de uma contemporaneidade com espessura suficiente para chegar a inscrever-se na história.



Teatro

Ricardo Henriques (texto),
André Letria (ilustração)
Pato Lógico

Depois do sucesso de *Mar*, surge este novo ativário dedicado ao teatro. Seguindo a mesma lógica do livro anterior, o tema é explorado a partir do léxico, organizado por ordem alfabética. Assim se consegue um equilíbrio entre a vertente histórica, as referências autorais e as características técnicas da arte cénica. As palavras escolhidas mantêm o elemento surpresa, e vão de Shakespeare e Globo a improviso ou nervos, constituindo um puzzle que algumas ilustrações de grande plano como de um palco ou de uma personagem ajudam a compor.



O Luto de Elias Gro

João Tordo
Companhia das Letras

O mais recente romance de João Tordo recorre ao clássico cenário da ilha isolada, neste caso no Atlântico, para fazer desfilar um conjunto de personagens cujas vidas acabam por cruzar-se sem previsão. No centro, um narrador que procura refazer a sua vida longe do mundo, pronto, sem saber, para encontrar respostas nos lugares e nos modos de ser mais inesperados.



Casulo

André Oliveira e vários autores
Kingpin Books

As narrativas reunidas em *Casulo* têm traços, cores e estilos muito diferentes entre si, mas a uni-las está o trabalho de argumento de André Oliveira, que tem colaborado com muitos dos autores portugueses de banda desenhada atualmente no ativo. A edição é da Kingpin Books, que continua, assim, a sua aposta na BD portuguesa, e as histórias aqui compiladas foram originalmente publicadas na revista *Cais*.



O Único e Incomparável Ivan

Katherine Applegate
Booksmile

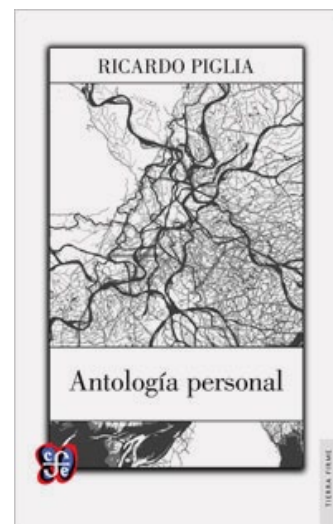
Em 2013 esta novela foi distinguida com a Newbery Medal, depois de ter ganho outros prémios e de ser um sucesso de vendas. Ivan é um gorila que vive num centro comercial. Pela sua voz, o leitor conhece hábitos, preocupações e juízos do primata, e as histórias que se entretecem entre si e outras personagens animais e humanas com quem partilha aquela inusitada forma de vida. A autora ficcionou uma história verídica, a do gorila com o mesmo nome que ficou conhecido pela sua longa permanência num centro comercial em Tacon, onde atuava para o público.



Poesia Brasileira Contemporânea – crítica e política

Renato Rezende
Editorial Azougue

O poeta e crítico brasileiro Renato Rezende assina oito ensaios sobre o papel da crítica na reflexão sobre a produção poética contemporânea. O autor questiona uma certa atitude de conforto assumida pela crítica brasileira ao focar-se num conjunto de poetas consagrados ou conformados a determinadas linhas do trabalho poético, deixando de lado o que de mais entusiasmante e revolucionário estará a acontecer noutras frentes.



Antología Personal

Ricardo Piglia
Anagrama

Aos setenta e três anos, um dos mais conceituados escritores argentinos decidiu reunir em livro os textos que podem representar o seu percurso. É assim que Piglia encara a escolha que originou esta antologia e onde se encontram contos, ensaios, conversas e vários textos dispersos por uma vida longa e atravessada pela escrita.



Os Nicos em Não Fui Eu

Oliver Jeffers
Orfeu Negro

Terceiro título da série que Jeffers dedica a estes cómicos ovos andantes. Os Nicos parecem marretas rezingões com discursos típicos de crianças que alimentam sem qualquer necessidade uma discussão. Crispim aparece como elemento mediador e assim consegue solucionar o problema com uma estratégia muitas vezes usada mas eficaz. Tudo assenta nas personagens: discurso e ilustração e elas, nesse minimalismo descritivo e narrativo, enchem as páginas. O humor reside no reconhecimento de uma situação que Jeffers ilumina sem tentações acessórias.

GRANTA

PORTUGAL | 1

GRANTA

PORTUGAL | 2

GRANTA

PORTUGAL | 3

GRANTA

PORTUGAL | 4

GRANTA

Receba quatro números
da GRANTA em sua casa
com um desconto de 25%.

Faça a sua assinatura em
www.granta.tintadachina.pt.

PORTUGAL 54 €

EUROPA 74 €

RESTO DO MUNDO 86 €

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**

**Campo de
Ourique,
Lisboa**



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

MURONG XUECUN ESCREVER CONTRA O SILÊNCIO

SARA FIGUEIREDO COSTA



urong Xuecun é um dos escritores chineses mais referidos fora da China e os seus livros não são os únicos responsáveis pelo feito. Nascido Hao Qun, em 1974, Murong tornou-se conhecido pelas histórias que escreveu na internet, no início deste século, e que lhe granjearam uma legião de leitores um pouco por toda a China. Em 2002 publica o romance *Leave Me Alone. A Novel of Chengdu*, um retrato duro sobre a China contemporânea a partir de três personagens marcados pela falta de perspectivas de futuro, pelos esquemas de enriquecimento rápido e pela corrupção. A partir daí, voltou à literatura muitas vezes, com livros como

Dancing Through Red Dust ou *The Missing Ingredient*.

Convidado da IV edição do Rota das Letras, o festival literário de Macau que decorreu em março passado, Murong Xuecun falou para uma sala cheia sobre o seu percurso como escritor, mas falou sobretudo da luta diária pela liberdade de expressão na China, a outra vertente que o tornou conhecido no mundo, sobretudo desde que começou a escrever uma coluna regular sobre a realidade chinesa para o *New York Times*. Entre uma sessão sobre literatura e uma outra dedicada ao seu trabalho no *New York Times*, Murong Xuecun falou à *Blimunda* sobre as mudanças que deseja para a China e sobre o modo como a sua escrita quer participar nessas mudanças.

Leave Me Alone. A Novel of Chengdu marcou a estreia literária do autor, em 2002, e essa estreia aconteceu na internet. Apesar disso, Murong Xuecun não é um daqueles escritores que se tornam famosos apenas porque passaram do anonimato para fenómenos de popularidade nas redes sociais. Foi a realidade chinesa, com os mecanismos de censura e a proibição de publicar livros que não sejam favoráveis (ou, pelo menos, inócuos) ao

Governo, que ditaram a internet como meio de publicação. Sem a pressão de entregar um manuscrito fechado a uma editora, o autor foi escrevendo como se de um folhetim se tratasse. «Quando comecei a escrever esse livro, não sabia o que ia acontecer, até porque não tinha nenhuma espécie de guião. Publiquei o primeiro capítulo na internet e não fazia ideia de como ia ser o segundo, e assim aconteceu ao longo de todo o livro. Fui pensando na história à medida que a escrevi, pelo que o resultado foi, pode dizer-se, uma espécie de acidente.» Um acidente bem sucedido, pode dizer-se. *Leave Me Alone* é um romance vertiginoso no modo como encena o vazio de uma certa urbanidade contemporânea, as vidas sem outro objetivo que não o ter um pouco mais de dinheiro, de modo a ascender a uma classe média que aparenta felicidade entre marcas, viagens e luxos até aqui proibidos.



uestionado sobre a vontade de recriar uma Chengdu que servisse de metáfora para a China urbana contemporânea, com a sua dedicação às aparências e as suas ilusões de enriquecimento fácil, Murong confessa que escreveu sobre Chengu porque era a realidade que melhor conhecia: «Tive um colega que desviou cerca de um milhão de yuans da empresa onde trabalhávamos e depois disso, claro, fugiu. Acabou por ser encontrado noutra província, e foi preso, mas o que me deixou curioso foi o facto de ele ter conseguido gastar todo o dinheiro que desviou num só ano. Às vezes conversava com ele e perguntava-lhe sempre como tinha conseguido gastar o dinheiro, e ele contava-me várias das suas histórias loucas, o jogo, as mulheres, os amigos... De certo modo, foi nele que me inspirei, pelo menos parcialmente.»

Num dos debates do Rota das Letras, Murong Xuecun explicou que os direitos de autor não podiam ser a sua primeira preocupação, tendo em conta que os seus livros nem sequer puderam ser publicados na China. O autor, que tem romances traduzidos em várias línguas, disponibiliza os seus livros na internet, em chinês, em regime de acesso livre, e escreve regularmente na rede Weibo, muitas vezes contornando a censura, sobre os temas que o preocupam. «O primeiro livro que disponibilizei teve cem milhões de descargas. Na rede social Weibo, tenho 8,5 milhões de seguidores.» Se as mudanças que muitos chineses preconizam acontecerem, realmente, na China, a internet terá nesse processo um papel essencial, como confirmou Murong citando um prémio Nobel da Paz: «Como disse Liu Xiaobo, a internet é uma espécie de dádiva dos deuses... De certo modo, é um pouco isso.» As redes sociais assumem um lugar central na discussão sobre os direitos e liberdades e na luta pela democracia na China. Como explicou Murong Xuecun num dos debates em que participou, essas redes são um espaço vigiado, sim, e onde muitas vezes são encerradas contas e apagados comentários pela censura, mas onde é muito difícil controlar toda a gente ao mesmo tempo. O engenho verbal e algum humor fazem o resto, com os participantes nos debates virtuais a encontrarem alcunhas para os governantes de quem querem falar, ou nomes alternativos, mas esclarecedores, para os temas proibidos. Por exemplo, o massacre da Praça de Tiananmen, em 1989, é frequentemente referido como ‘o ano anterior à 1999’ e a China comunista é, por vezes, chamada de «Rússia amarela». As estratégias de despiste nem sempre duram muito tempo, mas quando uma expressão é apanhada pelo radar da censura e bloqueada, já várias outras se criaram para ocupar o seu lugar. De certo modo, é um

movimento imparável, por mais muralhas virtuais que se criem para filtrar o que aparece na rede. E criam-se muitas, como contou Murong a propósito de um debate sobre a Grande Fome, período entre 1958 e 1961 em que, na sequência das políticas económicas de Mao Tse-Tung, milhões de chineses morreram de desnutrição. O tema, claro está, não faz parte dos programas curriculares de História, nem é permitida a sua referência pública. À semelhança do que acontece com a Revolução Cultural, ou com Tiananmen, a Grande Fome nunca existiu, pelo menos para o Governo chinês. «Entre 2010 e 2013, o debate sobre a Grande Fome era quase diário no Weibo. Uma das grandes discussões aconteceu em 2012, provocada por um dos responsáveis pelo *Diário do Povo*, que negou a Grande Fome, e envolveu cerca de vinte mil pessoas. Em quinze dias, havia milhões de comentários sobre o assunto e houve alguns jornalistas que começaram a investigar o período da Grande Fome, tentando reconstruir a nossa história. Depois disso, o Governo encerrou todas essas discussões, claro, mas o debate deixou frutos.»



pesar do descontentamento crescente, sobretudo entre as camadas mais jovens, não é fácil imaginar uma China com eleições livres e democráticas nos tempos mais próximos. Para Murong Xuecun, um dos muitos dissidentes chineses que sabe que a sua liberdade pode estar por um fio, essa mudança acabará por acontecer. Nem a desmobilização do movimento Occupy, de Hong Kong, parece desmoralizá-lo, e isto apesar de Hong Kong ser um território com alguma autonomia relativamente à China continental, com um sistema político e penal que garante liberdades e direitos impensáveis no continente. Se nesse território

falhou a luta pelo sufrágio universal (com candidatos livres, e não escolhidos pelo Partido Comunista Chinês), como é possível depositar tanta esperança numa mudança para a democracia na China? «Há um ano, em Pequim, houve um encontro de escritores, académicos, advogados, e falámos sobre isto mesmo. Uma pessoa perguntou quanto tempo iria durar o Partido Comunista Chinês e pôs várias hipóteses, à consideração dos presentes. Quando perguntou se seriam dez anos, apenas três ou quatro pessoas levantaram o braço. Depois perguntou se seriam vinte anos e quase toda a gente levantou o braço. Acho que isto quer dizer alguma coisa.»

A era da internet tem mudado muitas coisas no modo como os chineses têm consciência da sua realidade. Há cada vez mais pessoas descontentes com o Governo e a mostrarem o seu desacordo. Os valores morais do Partido Comunista e de Xi Jinping [Presidente da República Popular da China] tornam-se cada vez mais claramente ridículos nesta era. Quase todas as frases ditas pelo Governo são ridicularizadas. Xi Jinping só está há dois anos no seu lugar, mas tem-se promovido bastante. As alcunhas e as piadas que circulam na net sobre ele são cada vez mais. A situação tem algumas semelhanças com os últimos tempos da era soviética, ou do governo da Alemanha de Leste, ou de todos os regimes com poder centralizado e mão de ferro. Em 2010, as manifestações que aconteceram na China tiveram cerca de 180 000 pessoas. Depois disso, deixou de haver números exatos sobre manifestações e manifestantes, mas é óbvio que continuam a acontecer. A China é um país rodeado de problemas. Hong Kong, Tibete, Taiwan, Japão. Mesmo Macau pode ser um problema, ainda

Ser preso na China já não é um sinal de se ser um mau elemento da sociedade, como um ladrão ou um assassino. Hoje, aqueles que são presos acabam por ser uma espécie de heróis.

***Alguns dos meus
amigos, foram presos
no último ano e as
pessoas mostraram-lhes
o seu respeito.
Por outro lado,
eu não quero ser um
expatriado.***

***É na China que eu quero
viver, quero comer
comida chinesa, falar
chinês. Esta é
a minha terra e talvez
sejam precisos
alguns sacrifícios para
alcançar isso.***

MURONG XUECUN



que muito mais pequeno. Talvez um dia todos esses problemas se transformem num único e enorme problema. Portanto, acredito que mais cedo ou mais tarde as coisas vão mudar.» Virá essa mudança de fora, dos países e territórios em volta da China? «Não exatamente. Acredito que a mudança virá de dentro, mas o que se passa à volta da China será muito importante também.»



uvir Murong Xuecun sobre a ameaça que paira sobre si é simultaneamente emocionante e constrangedor. Percebe-se que o autor acredita realmente na possibilidade de uma mudança profunda na China, e os artigos que assina no *New York Times* são disso exemplo claro, mas percebe-se igualmente que este é um homem sobre o qual pende a ameaça da privação de liberdade, à semelhança do que tem acontecido com outros dissidentes chineses. Os textos do *New York Times*, onde tem denunciado a suposta luta contra a corrupção levada a cabo por Xi Jinping como sendo uma luta de fachada, ou onde explica como funcionam os interrogatórios e as prisões de todos quantos se

opõem ao Governo e às suas políticas, nunca poderiam ser publicados no espaço da China continental. Apesar disso, e da certeza que estes textos serão do conhecimento do Governo e das suas estruturas de manutenção da ordem, Murong Xuecun divide o seu tempo entre Hong Kong, território livre relativamente à censura e às prisões de dissidentes, e Pequim, centro nevrálgico do mesmo regime que Murong gostaria de ver mudado. Como é isso possível sem que tenha sido preso? «Há pessoas com mais força do que eu a criticarem o Governo e o Partido [Comunista Chinês], em publicações e em sites da internet. E algumas destas pessoas vivem na China con-

tinental. O que acontece é que o Governo não pode prender-nos a todos, por um lado, e por outro lado também lhe é conveniente mostrar uma suposta abertura, um gesto de boa vontade. Apesar disso, não acredito que esta benevolência vá durar muito tempo. Não sei quando vai acontecer, mas sei que um dia chegarei a Pequim e terei agentes em casa e verei o passaporte confiscado e tudo o resto se sucederá.»

Pensa nisso com frequência? «Nos últimos quatro anos, pensei nisso todos os dias, sim.» Como é que se vive quotidianamente com essa espada sobre a cabeça? «O mais importante é perceber que as coisas, hoje, são diferentes. Ser preso na China já não é um sinal de se ser um mau elemento da sociedade, como um ladrão ou um assassino. Hoje, aqueles que são presos acabam por ser uma espécie de heróis. Alguns dos meus amigos, cerca de dez, foram presos no último ano e as pessoas mostraram-lhes o seu respeito. Isto deu-me força para suportar a ideia. Por outro lado, eu não quero sair da China, não quero ser um expatriado. É na China que eu quero viver, quero comer comida chinesa, falar chinês. Esta é a minha terra e talvez sejam precisos alguns sacrifícios para alcançar isso.» Que esses sacrifícios nunca impeçam Murong Xuecun de falar e escrever livremente, é o que nos cabe desejar.

Nota: um agradecimento final é devido a Wendi Song, que participou como intérprete nesta conversa entre Murong Xuecun e a *Blimunda*.

Herberto
Helder

Fonte

do livro

A Colher na Boca

escolhido por

Manuel Frias Martins

III

Ó mãe violada pela noite, deposta, disposta
agora entre águas e silêncios.

Nada te acorda — nem as folhas dos ulmos, nem os rios, nem os girassóis,
nem a paisagem arrebatada e casta.

— Espero do tempo novo todos os milagres,
menos tu.

Somente corres no meu sangue memoriado,
e sobes, carne das palavras outra vez,

— Do tempo jovem espero o vinho e o pólen,
outras mãos mais puras

e mais sagazes,
e outro sexo, outra voz, outro gosto, outra virtude

inteligente.

— espero cobrir-te novamente de júbilo, ó corola
imarcescível do canto.

Mas tu estarás mais branca com a boca selada
pelas lisas pedras.

E sei que terei o amor e o pão e a água
e o sangue e as palavras e os frutos

Mas tu, ó rosa fria, ó odre das vinhas antigas e limpas?

Do tempo novo espero

o sinal ardente e incorrupto,

mas levo os dedos frios ao teu nome prolongado,

ó cerrada mãe,

levo os dedos vazios —

e só a tua morte cresce por eles totalmente.

(é uma dedicatória)

do livro

Photomaton & Vox

escolhido por

Gustavo Rubim

(é uma dedicatória)

Se alargas os braços desencadeia-se uma estrela de mão
a mão transparente, e atrás,
nas embocaduras da noite,
o mundo completo treme como uma árvore
luzindo

com a respiração. E ofereces, das unhas à garganta
talhada, a deslumbrante queimadura do sono.

— Em teu próprio torvelinho se afundam
as coisas. Porque és um vergão raiando entre
esses braços

que irrompem da minha morte se durmo, da loucura
se aveia

violenta que me atravessa a cabeça se torna
ígnea como

um rio abrupto num mapa. Quando as salas
negras fotográficas

imprimem a sensível trama das estações
com as paisagens por cima. E

jorras

desde as costas dos espelhos, seu coração

arrancado pelos dedos todos de que se escreve
o movimento inteiro.
Nunca digas o meu nome se esse nome
não for o do medo. Ou se rapidamente o lume se não repartir
nas formas
lavradas como chamas à tua volta. Os animais
que essa labareda ilumina
na boca. Desde a obscuridade
de tudo que tudo
é inocente. Nunca se pode ver a noite toda de súbito.
E da frente aos quadris em tuas linhas, és
cega, fechada.
A minha força é a desordem. Reluzes
na têmpera enxuta — queima-te.
O ouro desloca a tua cara. Um nervo
atravessa as frementes, delicadas massas
das imagens:
como uma ferida límpida desde a nascença pela carne
fora. És alta em mim por essa
cicatriz que se abre ao dormir e quando
se acorda fica aberta.

—Esta
espécie de crime que é escrever uma frase que seja
uma pessoa magnificada.
Uma frase cosida ao fôlego, ou um relâmpago
etancado
nos espelhos. E às vezes é uma raiz engolfada, e quando toca
a fundura das paisagens, as constelações mudam
no chão. A truculência
que se traça como uma frase na pessoa, uma queimadura

(é uma dedicatória)

branca. Porque ela mostra as devastações
magnéticas
da matéria. Na frase vejo os fulcros da pessoa.
Por furos acerbos as estações que se escoam
e a inquebrantável
paisagem que as persegue por dentro. A frase
qu é uma pálpebra
viva
como roupa fechada sobre a radiação das veias.
Que é uma cara, uma cratera.
Ou um hausto animal das unhas à testa
onde
fulguram os cornos em coroa.
E esta massa ofegante é queimada por um
suspiro, um alimento brutal.
O teu rosto cerca-me, a minha
morte cerca o teu rosto como uma clareira
pulsando
na luz cortada. A pessoa
que é uma frase: astro
rude cruamente encordado entre as omoplatas.
Como se um nervo cosesse todas as partes pungentes e selvagens
da carne. Como
se a tua frase fosse um buraco brilhando até aos pulmões,
com o sangue e a língua
na minha garganta. A beleza que te trabalha
deixa-te
árdua e intacta
no mundo, entre esse sangue estrangulado na minha memória.

Cães, marinheiros

do livro

Os Passos em Volta

escolhido por

Rita Taborda Duarte

Era um cão que tinha um marinheiro. O cão perguntou à esposa, que se pode fazer de um marinheiro? Põe-se de guarda ao jardim, respondeu ela. — Não se deve deixar um marinheiro à solta no jardim, que fica perto do mar. Um marinheiro é uma criatura derivada por sufixação, e pode recluir-se o poder do elemento de base: o radical mar. Em vez de guardar o jardim, ele acabaria por fugir para o mar. — Deixá-lo fugir, disse a esposa do cão. Mas ele não estava de acordo. Que um facto deveria ser esse mesmo facto até ao limite do possível: quem possui um marinheiro para guardar o jardim deve procurar mantê-lo a todo o custo, assim como o cão, ou o casal de cães, que não tiver um marinheiro deve não tê-lo até a isso ser absolutamente forçado. — Nesse caso, só nos resta ir para uma terra do interior, longe do mar, disse a cadela. E então foram para o interior, levando pela trela o marinheiro açaimado. Durante o percurso viram muitas paisagens. O marinheiro estava espantado com as paisagens que podem existir longe do mar. Fez diversas observações a esse respeito, provocando o risonho latido dos cães que, pela sua parte, concordavam em que tinham um marinheiro muito inteligente. — Nem todos os cães têm a nossa sorte, disse o

cão, pois conheço vários cães que são donos de vários marinheiros estúpidos. Iam por isso bastante contentes e diziam, a outros cães com quem se cruzavam, que possuíam um marinheiro invulgarmente esperto. — Ele tem uma filosofia das paisagens, dizia o cão. Um cão da Estrela, que encontraram naturalmente perto da Serra da Estrela, perguntou-lhes se o marinheiro gostava de sardinhas. — Adora-as, respondeu a cadela. — Isso não me admira nada, disse o indígena. E na verdade não parecia admirado. Quando chegaram ao mais interior possível, alugaram uma casa com um jardim e puseram o marinheiro a guardá-lo. — Guarda-o, disseram. Deixaram-lhe ao lado uma dúzia de latas de sardinhas e foram para dentro de casa. Durante sete dias e sete noites, o marinheiro reflectiu sobre as paisagens do interior e comeu as sardinhas de conserva. Depois foi atacado de esgana, e começou a andar em círculos cada vez mais apertados no meio do jardim. Os cães observavam-no da janela e viam que o seu marinheiro perdia as forças a cada volta. Um dia, ao anoitecer, caiu para o lado resfolegando. — O mar, ouviram-no dizer. Então foram para dentro, e dormiram. De manhã vieram cedo ao jardim e verificaram que o marinheiro estava morto. — Era um marinheiro tão esperto, disse a cadela. — Pois era, disse o cão, foi pena. E enterraram o marinheiro debaixo de uma acácia. Mas como já se haviam habituado à vida do interior, não regressaram ao litoral. Nunca mais tiveram marinheiros. — Para quê?, dizia a cadela, ralações já existem de sobra.

Aos Amigos

do livro

Poemas Completos

escolhido por

Manuel Alberto Valente

AOS AMIGOS

Amo devagar os amigos que são tristes com cinco dedos de cada lado.
Os amigos que enlouquecem e estão sentados, fechando os olhos,
com os livros atrás a arder para toda a eternidade.
Não os chamo, e eles voltam-se profundamente
dentro do fogo.
— temos um talento doloroso e obscuro.
Construímos um lugar de silêncio.
De paixão.

**A faca não corta
o fogo**

do livro

Poemas Completos

escolhido por

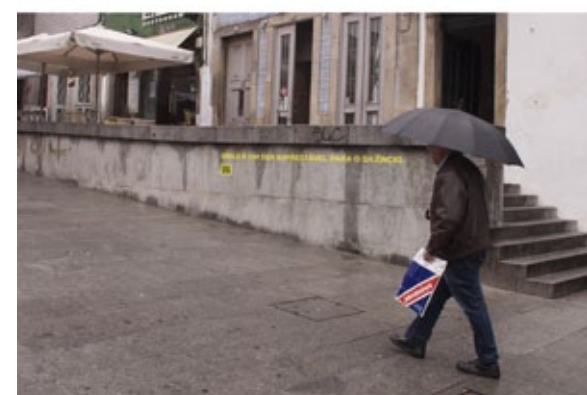
Manuel Gusmão

a faca não corta o fogo,
não me corta o sangue escrito,
não corta a água,
e quem não queria uma língua dentro da própria língua?
eu sim queria,
jogando linho com dedos, conjugando
onde os verbos não conjugam,
no mundo há poucos fenómenos do fogo,
água há pouca,
mas a língua, fia-se a gente dela por não ser como se queria,
mais brotada, inerente, incalculável,
e se a mão fia a estriga e a retoma do nada,
e a abre e fecha,
é que sim que eu amava como bárbara maravilha,
porque no mundo há pouco fogo a cortar
e a água cortada é pouca.
que língua,
que húmida, muda, miúda, relativa, absoluta,
e que pouca, incrível, muita
e la poésie, c'est quand le quotidien devient extraordinaire, e que música,
que despropósito, que língua língua,
disse Maurice Lefèvre, e como rebenta na boca!
queria-a toda

URGENTE É A POESIA

14 ATELIÊS DE DESIGN FORAM CONVIDADOS A DESENVOLVER UMA INSTALAÇÃO EM 14 LIVRARIAS DE LISBOA E PORTO. O PROJETO, COMISSARIADO PELO DESIGNER MARCO DIAS, ESTÁ ENQUADRADO NO XVII FESTIVAL DO CLUBE DE CRIATIVOS DE PORTUGAL, QUE TEM ESTE ANO O TEMA "URGENTE É A POESIA". AS INSTALAÇÕES, DAS QUAIS APRESENTAMOS OITO PROPOSTAS, PODEM SER VISITADAS DE 30 DE ABRIL A 10 DE MAIO.

LIVRARIA LEITURA PORTO / HEY CECILIA!



Conceito

Para que serve [a poesia]? Porquê dispendermos com ela tempo e espaço num mundo onde ambos escasseiam? Da mesma forma a Livraria Leitura já teve em tempos mais do dobro da área que tem. Também ela encolheu, resignada a um mundo sem espaço para tantos livros! E é por isso que a poesia se torna hoje mais urgente do que nunca. A poesia permite-nos criar o espaço e o tempo que não há. A poesia permite-nos pensar o nosso mundo, imaginando outros, e com isso provocar a mudança. A poesia ensina, liberta, preenche. Por isso decidimos que o espaço da montra é também um outro, maior, mais livre, pronto a ser preenchido. A Livraria Leitura diminui, mas não

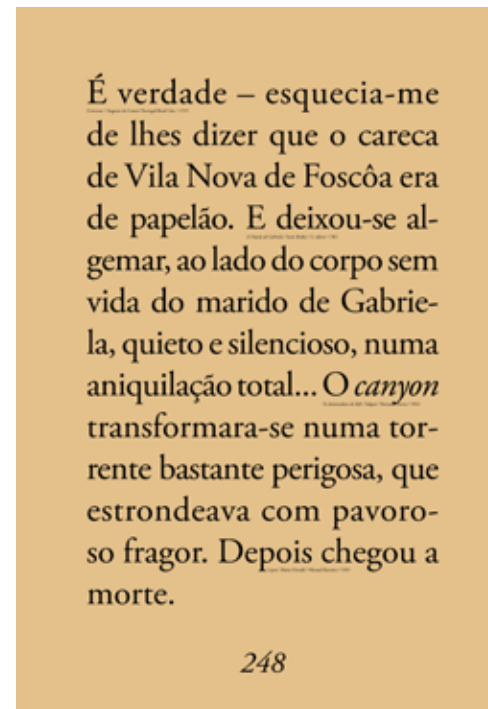
é por isso que a sua montra tem de ficar mais pequena. A Livraria Leitura foi um lugar de luz na cidade em tempos sombrios, a nossa proposta é que volte agora a iluminar as ruas da cidade, levando a poesia onde ela se torna mais urgente. A escolha de 9 versos, de 9 poemas, de 6 livros de 6 autores do catálogo da Livraria Leitura, deram azo à escolha de 9 espaços do bairro urgentes de poesia. O público deverá ser encaminhado até à Livraria Leitura através dos versos espalhados em lugares estratégicos do bairro. Ao chegar à montra, entende-se a origem da poesia que ocupou aqueles lugares.

LIVRARIA LER DEVAGAR LISBOA / UMA DESIGN STUDIO



Título
Uma Vez Era

LIVRARIA LÁCIO LISBOA / SILVADESIGNERS

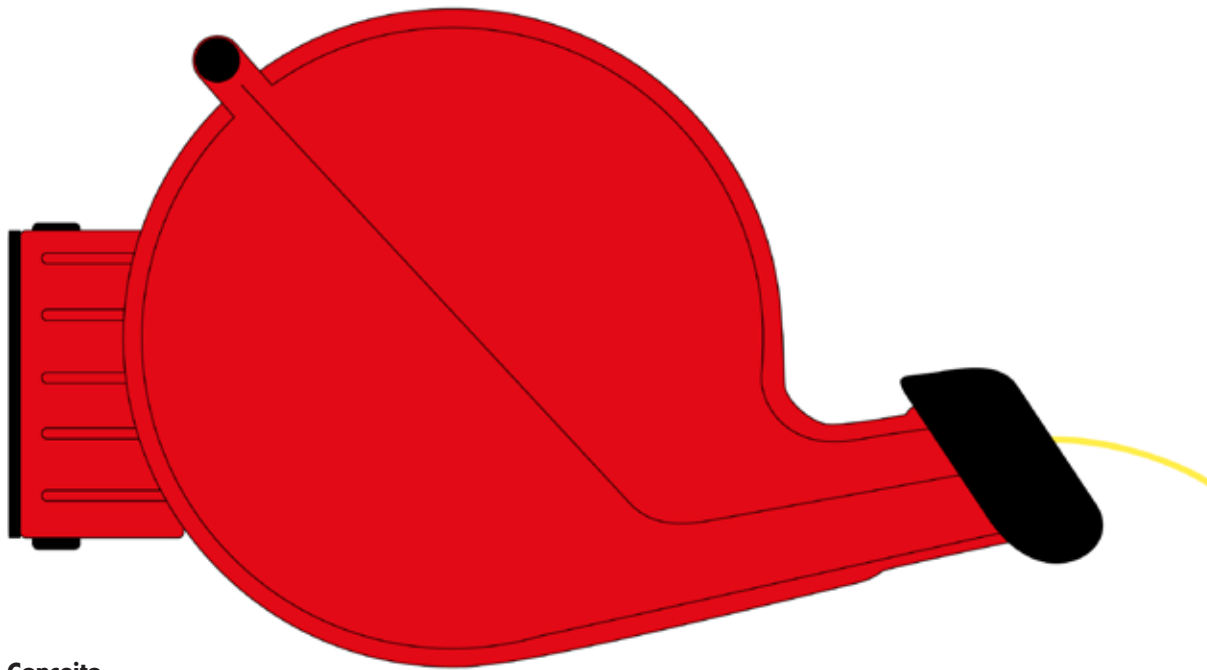


Conceito

As oito montras apresentam páginas gigantes, representando uma suposta última página de livro com uma colagem de frases retiradas de variadas obras, contemplando várias épocas, estilos, géneros e autores de livros em prosa. A sua mistura aleatória recria um novo texto cujo resultado é, no mínimo, surpreendente.

As dez páginas de livro nas oito montras não têm qualquer leitura sequencial, valem cada uma por si, e todas elas encerram um mundo de variadas obras e registos estilísticos. O conceito aponta diretamente ao negócio do livro usado, da sua variedade e efemeridade. E, sobretudo, para o ato de ler.

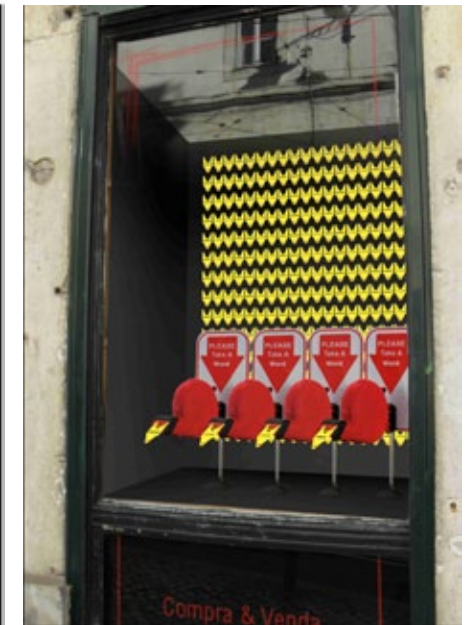
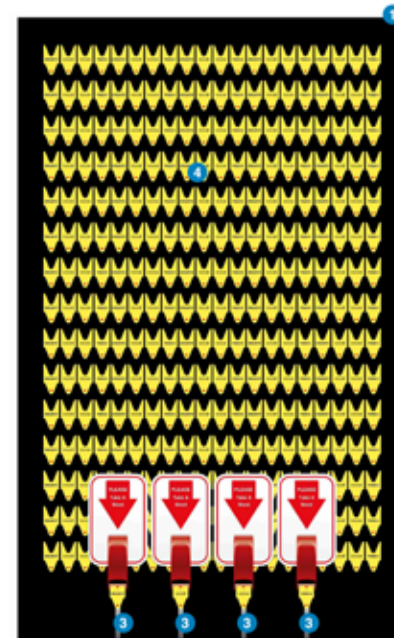
LIVRARIA LETRA LIVRE LISBOA / IVITY



Conceito

Por favor, tire uma palavra.

E se para cada urgência existir uma máquina que nos inspira a compor um verso? É que se de um lado está a urgência do mesmo está a espera. E uma espera pode ser tão produtiva como outra coisa qualquer. Por outro lado, é quando menos esperamos que surge uma grande ideia, portanto o melhor é tirar senhas cedo. Uma máquina que seria útil a qualquer criativo. Uma máquina que controla a ansiedade de qualquer executivo.



LIVRARIA SIMÃO LISBOA / P 06



Conceito

Não sei. Falta-me um sentido, um tacto

Não sei. Falta-me um sentido, um tacto
 Para a vida, para o amor, para a glória...
 Para que serve qualquer história,
 Ou qualquer facto?
 Estou só, só como ninguém ainda esteve,
 Oco dentro de mim, sem depois nem antes.
 Parece que passam sem ver-me os instantes,
 Mas passam sem que o seu passo seja leve.
 Começo a ler, mas cansa-me o que inda não li.

Quero pensar, mas dói-me o que irei concluir.
 O sonho pesa-me antes de o ter. Sentir
 É tudo uma coisa como qualquer coisa que já vi.
 Não ser nada, ser uma figura de romance,
 Sem vida, sem morte material, uma ideia,
 Qualquer coisa que nada tornasse útil ou feia,
 Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.
 1-3-1917
 Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa.
 Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).

LIVRARIA POETRIA PORTO / 2034



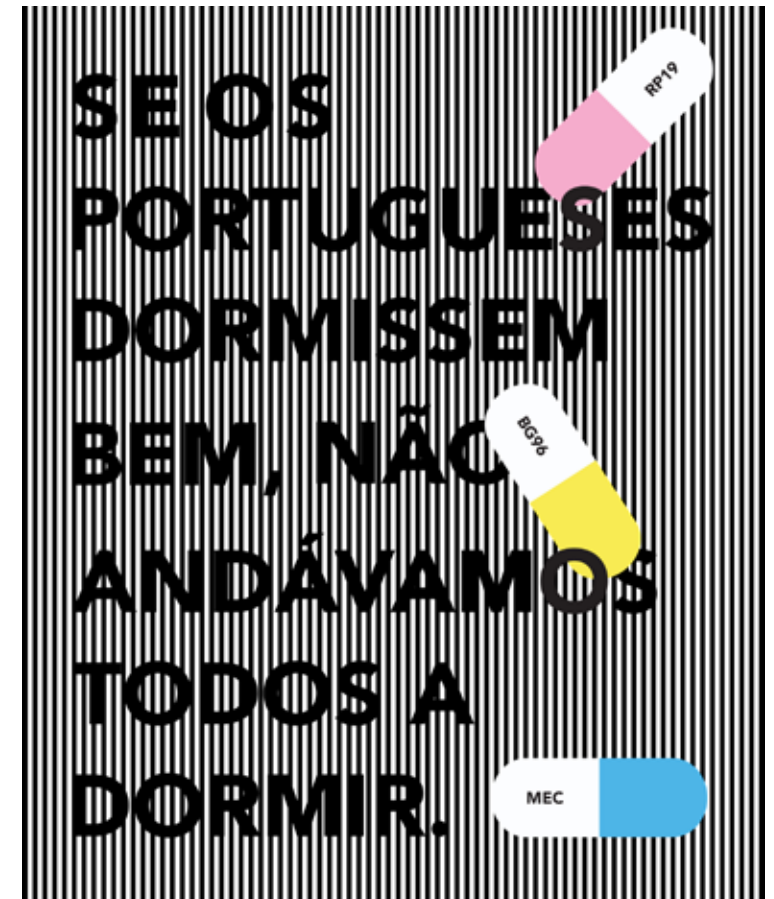
Conceito

Vamos simular um coração a bater na montra da livraria. Com vinil vermelho transparente aplicado na montra central e um sistema de 5 luzes por trás com luz intermitente a simular o bater do coração. A completar a ideia, duas frases aplicadas a branco:

Urgente é o coração!

Urgente é a poesia!

LIVRARIA LEYA (BUCHHOLZ) LISBOA / BRAND GALLERY



Conceito

○ conceito desta proposta baseou-se numa citação de Miguel Esteves Cardoso:

***Se os portugueses dormissem bem,
não andávamos todos a dormir.***

LIVRARIA IMPRENSA NACIONAL – CASA DA MOEDA PORTO / R2



Título
Poesia em todas as montras

CENTEN
ÁRIO
ORFEO

Dois números, e um terceiro que nunca chegou a ser impresso por questões financeiras. Foi o suficiente para que a revista *Orpheu*, que tinha entre os colaboradores Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, deixasse marcas profundas. Considerada “um dos grandes marcos culturais do século XX europeu”, a publicação que sacudiu as estruturas das artes da literatura completa neste ano um século de vida. A título de homenagem, a *Blimunda* reproduz alguns excertos da *Orpheu* 1 e 2, e de um terceiro número que nunca chegou a ser impresso.

Textos publicados na Agenda Orpheu 1915-2015, edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
Coordenação científica de Marta Soares e Raquel Henriques da Silva

Se eu não
fosse cego,
amava toda
a gente.

Almada Negreiros
«Ciúmes»,
Orpheu n.º 1

**As mesas do Café endoi-
deceram feitas ar...
Caiu-me agora um braço...
Olha, lá vai ele a valsar
vestido de casaca, nos
salões do Vice-Rei...**

Mário de Sá-Carneiro
incluído no poema «Indícios de Ouro»,
Orpheu n.º 1

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem
abaixo...

O vulto do caes é a estrada nitida e calma
Que se levante e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das
árvores

Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a
uma dentro...

Meus olhos
eram aromas
inexistentes

SOU NARCISO DO
MEU ODIO!

- O MEU ODIO É LAN-
TERNA DE DIOGENES,
É CEGUEIRA DE
DIOGENES,
É CEGUEIRA DA
LANTERNA

Mário de Sá-Carneiro
«Sete Canções de Declínio»,
provas do *Orpheu* n.º 3

O fauno olhou a nymphea e
nos seus olhos de topazio
n'um relampago,
Perpassou toda a tragédia
dáquella alma apunhalada

Augusto Ferreira Gomes
«Por esse crepúsculo
a morte de um fauno...»,
provas do *Orpheu* n.º 3

CENTENÁRIO DO ORPHEU

IDEIA DE OLHOS PINTADOS...

MEUS SENTIDOS

Almada Negreiros
«A Cena do Ódio»,
provas do *Orpheu* n.º 3

MAQUILHADOS

A TINTAS DESCONHECIDAS

AS ESTÓRIAS DA FESTA DO JAZZ



SÉRGIO MACHADO LETRIA

Fotografias JOSÉ FRADE / EGEAC EEM

Há 13 anos que a primavera traz consigo a Festa do Jazz (FdJ). Durante três dias, quem passa pela António Maria Cardoso, essa rua de má memória até há 40 anos, pode ver o magote de jovens músicos misturados com os *habitués* e com os que pela primeira vez arriscam deixar-se levar pelo jazz no Teatro São Luiz. Monstros, condutores, ciclistas, sudoku, público, muito público: de algumas destas estórias se fez mais uma edição da Festa do Jazz.



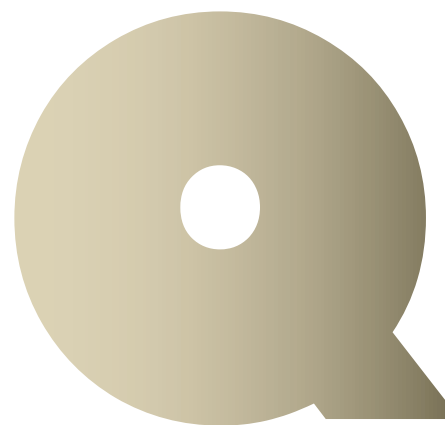
s 21 horas de sexta-feira as conversas à entrada do teatro demonstravam alguma apreensão pela escassa afluência de público que se fazia sentir, depois do arranque da véspera no Cinema Ideal. Nada que o passar do tempo não desmentisse. Pela primeira vez desde o seu início a FdJ trazia uma banda composta apenas por músicos estrangeiros.

Antes do concerto, sobe ao palco o saxofonista Carlos Martins, que desde o início da Festa do Jazz assume a sua direção artística. A inovação, explica, resulta da integração da FdJ no Europe Jazz Network e da sua presença no Jazzahead 2014, em Bremen, com um stand onde se mostravam os trabalhos das cinco editoras de jazz nacionais. Desta relação surgiu a possibilidade do estabelecimento de intercâmbios entre músicos *nacionais* e estrangeiros, assim contornando a cada vez mais difícil internacionalização do jazz *português*, consequên-

cia do desinvestimento que se vive na cultura. Trazendo músicos estrangeiros, o caminho inverso pode mais facilmente ser percorrido no sentido de se obterem apoios à presença dos músicos nacionais no estrangeiro.

Começa a noite com a Lina Nyberg Band. O concerto assenta no disco da cantora sueca editado em 2014, *The Sirenades*, e em *Palaver* (2011), conjunto de tributos musicais dedicados a algumas das suas mais importantes referências artísticas e pessoais.

Apresentando os seus temas com pequenas histórias, Nyberg falou da filha *Ditte*, de bichos de conta, de um imaginário percurso de táxi com Caetano, com as suas perturbadoras «calças psicadélicas», ao som de assobios e de ritmos mais quentes, para regressar depois ao frio da Suécia e fechar com *The monster song*, receita musical para contornar os típicos medos das crianças, aqui representados por um monstro que se configura agressivo e dissonante para, em jeito narrativo, logo ser desconstruído pela palavra e pelo som, assumindo a forma de um ser simpático, um vizinho, um amigo que habita as nossas vidas.



uestionando as modernas formas de vida, eminentemente impessoais e de contacto à distância, Nyberg estabeleceu pontes com quem a ouvia contextualizando cada tema, num concerto que navegou entre mares calmos e melódicos e tempestades sonoras, sobretudo pela guitarra de David Stackenäs.

Quando as portas se abriram, no final, o habitual ponto de venda de CD's, que destaca os trabalhos dos músicos que ao longo dos três dias de Festa ocupam os diferentes palcos, encheu-se de gente em busca das mais recentes edições nacionais e internacionais.

Logo em seguida a Orquestra de Jazz do Hot Clube de Portugal apresentou o resultado da residência artística do compositor alemão Rainer Tempel. Com um percurso que se divide entre colaborações com músicos alemães da nova geração e com algumas das mais importantes Big Bands na Alemanha e na Suíça, Tempel elogiou a qualidade dos músicos com



LINA NYBERG



quem partilhara os últimos dias, a quem propôs um conjunto de composições de sua autoria.

Se as estórias tinham estado presentes com Lina Nyberg, assim continuaram no segundo concerto da noite.

E assim se soube que de um exercício de Sudoku, encontrado na última página de um jornal gratuito suíço, se pode compor um tema, atribuindo a cada número uma nota musical e a cada linha de números uma frase de baixo, guitarra ou piano. Ou que o facto de a filha de um compositor alemão se dedicar a mudar, alterar ou reconstruir as suas peças de roupa, pode estar na origem de uma composição que tempo depois é tocada num palco de Lisboa por 28 músicos... De forma descontraída, sucediam-se os solos dos músicos da Orquestra do Hot Clube, apoiados por outros músicos que da plateia pontuavam as entradas com aplausos, permitindo medir o apoio que cada um deles encontrava entre quem assistia. A destacar, os solos de Ricardo Toscano ou o de Mateja Dolsak, única mulher na Orquestra.



Depois dos concertos na sala principal, é já da praxe subir as escadas para o Jardim de Inverno e prolongar a noite com as jam-sessions das Escolas de Jazz. Aos primeiros degraus, logo se ouviam as notas lançadas pelos músicos da Universidade Lusíada, responsáveis pela noite de sexta-feira, diante de uma plateia repleta.

A abrir o segundo dia, e numa das vertentes que marca a Festa do Jazz, a de dar espaço às Escolas, o São Luiz foi tomado de assalto pelos alunos que ali se apresentavam diante do público e de um júri composto por Paulo Barbosa, Adelino Mota e José Duarte, trio responsável por avaliar a prestação de cada Combo.

A meio da tarde, abria-se o palco do Teatro Estúdio Mário Viegas para a apresentação de projetos nacionais, em concertos de entrada gratuita e de lotação quase sempre esgotada.

De regresso à Festa e à Sala Principal do São Luiz, Maria

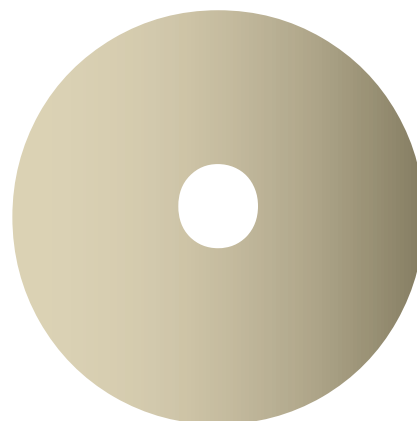


ORQUESTRA DO HOT CLUB

João apresentou *Plástico*, o novo trabalho do projeto Ogre, espaço de experimentação e ponto de encontro do jazz com a eletrónica. Ao fim dos primeiros temas, a cantora pedia desculpa mas afirmava que tinha de dizer algumas palavras, ela que é conhecida por se «perder» em deambulações que duram alguns minutos, como as que contava nos concertos de apresentação de *Cor*, registo gravado com Mário Laginha (1998), sobre um elefante que andava, paciente, no meio do caos das ruas de Nova Delhi.

E logo ali partilhou que nesse mesmo dia tinha sido atropelada por um «sacana» de um condutor, um dos que não respeita os ciclistas, a ciclista que orgulhosamente é. Acompanhada pela eletrónica de André Nascimento, pela bateria de Joel Silva, autor de um belo disco de nome *Geyser*, pelos teclados de João Farinha e pelo piano de Júlio Resende, o Ogre caminhou pelas construções sonoras mais cosmopolitas de *Plástico*, sem perder de vista *Eletrodoméstico*, o primeiro trabalho da banda, em que a sonoridade brasileira assumia papel de destaque, e outros temas de projetos anteriores de Maria João. A sua versatilidade vocal e a sua enorme presença

em palco ficaram mais uma vez patentes, assumindo o «gozo do caracas» que a música lhe traz, sem olhar às discussões sobre se aquilo que faz é jazz.



dia de domingo, terceiro e último dia da FdJ, confirmou o carácter festivo que se lhe conhece, com salas novamente cheias, boa música, alunos que provam que o futuro do jazz em Portugal é prometededor e que um encontro como o que a Festa do Jazz proporciona se justifica. Porque o jazz se faz das estórias que o alimentam, dos discos que se gravam, mas também, e sobretudo, de ser tocado ao vivo. Os olhares trocados entre músicos, os aplausos que pontuam cada solo, complementam a imensa liberdade da improvisação, afinal a sua marca distintiva. E nesta Festa, a do Jazz, também das conversas entre jovens e menos jovens, comentando o último concerto, ou marcando mais um encontro para confirmar que o futuro está já aí.

SÃO LUIZ
29 MAR 2015



UMA ILHA
NO IMENSO
OCEANO

CARLOS
MARTINS

ENTREVISTA

Em entrevista à *Blimunda*, o músico Carlos Martins traça um balanço do que foram as 13 primeiras edições da Festa do Jazz, apontando caminhos para o futuro, num momento em que o jazz vive um dos seus momentos de ouro em Portugal. Para além da direção artística da Festa do Jazz, Carlos Martins assume a direção do Festival Lisboa Mistura, tendo editado já em 2015 o seu oitavo trabalho de originais, *Absence*, dedicado ao saudoso pianista Bernardo Sassetti.

Como surgiu a ideia de fazer uma Festa do Jazz em Lisboa?

A Festa do Jazz surgiu após o Lisboa em Jazz, realizado por mim em meados de 90 e que tinha também um foco nos músicos portugueses. Por razões relacionadas com a conjuntura política (onde é que já ouvimos isto?) o Lisboa em Jazz terminou tendo ficado vazio o espaço nacional de apresentação de propostas especificamente portuguesas na área da música improvisada. Quando Jorge Salavisa integrou a direção do Teatro São Luiz em 2002, fiz-lhe uma proposta no sentido de reformular o Lisboa em Jazz abrangendo não só o espaço nacional mas integrando também as escolas de música. Para este novo projeto, a que chamámos Festa do Jazz Português a partir do 3.º ano, trouxe também o Luis Hilário que já era meu parceiro no Lisboa em Jazz. Desde a 1.ª edição do anterior festival e da Festa do Jazz que estes são os únicos festivais em Portugal com estas características. É mesmo uma Festa. Uma Festa que dá muito trabalho e que é necessário preservar com muitas vontades e novas ideias de colaboração.

As bases que estiveram na origem da Festa do Jazz ainda hoje se justificam, 13 edições depois?

As bases da Festa do Jazz são desde há 13 anos as mesmas: forte investimento nas escolas de música improvisada portuguesas (superiores e não superiores) e apresentação das mesmas (em concurso ou *showcases*) nos dias da Festa, criando assim o único encontro nacional de alunos; apresentação de músicos consagrados com novos trabalhos (também discográficos na sua maior parte) com convidados de renome internacional; aposta em novas propostas musicais e em novos artistas já em contacto com a profissionalização; abrangência das várias tendências estilísticas e estéticas presentes na produção nacional; oferta de *masterclasses* durante a Festa; exposições de discos e fotografias e outras atividades editoriais; criação de peças interdisciplinares e de peças de teatro (*Era Uma Vez Jazz*; debate sobre estratégias para o Jazz em Portugal e criação de comunidade e de públicos).

Em breve editaremos estes resultados e uma reflexão sobre o que já fizemos e o que nos falta fazer, que ainda é muito. Isto, claro, porque as bases da criação da Festa não só se justificam 13 edições depois, como nos permitem lançar novos desafios para os anos que vêm.

Para o futuro, identificamos os seguintes objetivos: criação de uma rede de circulação de músicos a nível nacional e internacional; divulgação da cultura portuguesa nomeadamente através da música improvisada, no estrangeiro; criação de novos públicos; captação de mecenas para o Jazz Português; novas perspetivas de trabalho em rede entre escolas de música improvisada; edição de trabalhos encomendados pela Festa a grandes compositores portugueses; edição das histórias de vida e de exemplos de sucesso da Festa (que são muitos e bons); criação de estratégias para autonomização da música improvisada; penetração nos media portugueses e estrangeiros; entre muitos outros...



LEO GENOVESE

Existe a percepção de que, pela quantidade de Festivais de Jazz que vão surgindo em todo o país e pela maior visibilidade dos músicos, o panorama do jazz em Portugal vive um momento de prosperidade. Consideras que é assim?

Existe uma grande quantidade de festivais de música em geral em Portugal, somos o país dos festivais. Como os festivais de pop e rock são caros e muitas vezes intrusivos, algumas Câmaras Municipais decidiram organizar festivais de jazz obtendo desta forma uma visibilidade cultural a nível local, regional e nacional que de outra forma não teriam. Desde há uns anos, e muito por influência da Festa do Jazz e do seu impacto nacional, alguns festivais começaram a convidar músicos e grupos portugueses. Deveriam fazê-lo, introduzindo uma quota a gerir pelo programador, todos os festivais feitos com dinheiros públicos. Seria uma boa dose de transparência injetada no nosso espaço comum e na criação de uma comunidade mais forte, mais integradora. Mas num país onde o poder é quase cego e sem visão ainda

temos um longo caminho a percorrer. No que concerne à Festa do Jazz posso dizer que as histórias de sucesso que temos vindo a viver são de tal forma excecionais a nível nacional que é clara a prosperidade na produção artística, no ensino, na organização e produção e na edição de trabalhos discográficos de grande qualidade. O panorama do Jazz em Portugal vive esta prosperidade como uma ilha que navega num imenso oceano. Ao lado encontramos também moribundos que, ou por pura inveja e incapacidade ou por causa da crise da dívida, não têm onde atracar.

No concerto de abertura deste uma explicação para o facto de pela primeira vez na Festa do Jazz integrarem a programação bandas compostas apenas por músicos estrangeiros. Pensas que desta abertura e do intercâmbio com outros músicos/países poderão abrir-se portas para os músicos portugueses? Esta linha de programação irá manter-se nas próximas edições da Festa do Jazz?

Portugal não tem escala ou dimensão económica para suportar este aparecimento de tantos músicos e grupos de tão grande qualidade. Além de que estava até agora controlado por dois ou três produtores a quem interessa antes de mais fazer dinheiro. Por outro lado é necessário repensar numa estratégia para a internacionalização. Não vale a pena investir em estilos e músicos que fazem o mesmo que os americanos, ou holandeses ou outros porque estes são muito mais fortes no que fazem e têm uma capacidade de disseminação nos mercados, através de apoios e incentivos vários, muito superior à nossa. A minha intenção, ainda velada é certo, é a de, através da promoção internacional da música portuguesa, pensar o que é realmente nosso e

diferenciador sem perder de vista o carácter globalizante da música e das previsíveis semelhanças entre músicos de outras geoculturalidades.

Como vês a política cultural em Portugal no que à música diz respeito?

Se há política cultural em Portugal então fui acometido por um ataque de cegueira. Nunca foi tão claro o passadismo idealista da política em Portugal ao esvaziar a Cultura e a Educação para que as almas se alinhem por números e contribuintes. Sinto-me envergonhado por aquilo que se tem feito nos últimos anos com diferentes desgovernos.



MARIA JOÃO

**«THAT NIGHT THE BLIND MAN
DREAMT THAT HE WAS BLIND»**

MATT PAVOLKA

Num artigo publicado no site Allaboutjazz sobre o disco *The Horns Band*, de Matt Pavolka, referiam-se as influências literárias e filosóficas presentes neste trabalho do compositor, citando-se os nomes de Cormac McCarthy, Soren Kierkegaard e José Saramago. Contactado pela *Blimunda*, o músico norte-americano contou-nos que em 2011, para a sua atuação na 11.ª edição da Festa do Jazz, compôs um tema a partir da frase que fecha o primeiro capítulo do romance *Ensaio sobre a Cegueira*, deixando uma série de impressões sobre o seu processo criativo e sobre o efeito da literatura nas suas composições.

O trabalho influenciado por Saramago e referido no artigo de Allaboutjazz é uma composição minha intitulada «That Night the Blind Man Dreamt That He Was Blind» [«Nessa noite o cego sonhou que estava cego»], gravada em *The Horns Band* pela Fresh Sound New Talent Records. O título resulta da tradução inglesa da última frase do primeiro capítulo de *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago. É uma frase tão bela, cheia de ressonâncias que lhe dão a sensação de infinito, sendo ao mesmo tempo tão direta. É macabra, enigmática, com sentido de humor, emotiva e macia, tudo em simultâneo. Estas características descrevem, de modo geral, *Ensaio sobre a Cegueira*, que foi o segundo livro de Saramago que li, tendo o primeiro sido *As Intermittências da Morte*, que imediatamente me encantou Saramago como escritor. Há uma profundidade e uma verdade tais na sua obra que só os maiores artistas possuem.

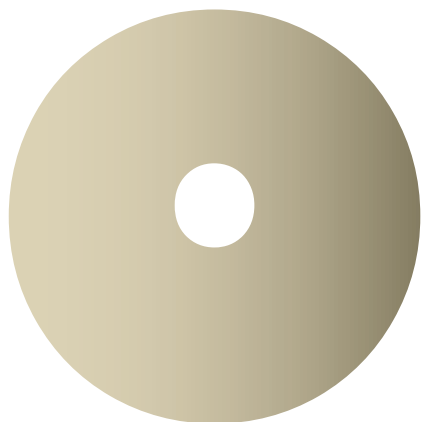
Escrevi originalmente esta peça para uma atuação em Lisboa na Festa do Jazz gravado ao vivo, 8ª Festa do Jazz do São Luiz (creio que em 2011).

Passado mais ou menos um ano, depois de formar «The Horns Band», reescrevi e fiz outros arranjos a *That Night The Blind Man Dreamt That He Was Blind* para esse grupo e desde então tornou-se uma peça emblemática das nossas atuações ao vivo.

Não pretendi que este trabalho fosse uma adaptação musical literal do grande romance de Saramago. É uma gravação do efeito que a obra de Saramago tem em mim, filtrada pela minha consciência e formatando naturalmente o meu desempenho e a minha expressividade enquanto compositor musical. Não pousei o romance e pensei «Ah!, tenho de escrever uma música sobre isto», foi antes a música que se desenvolveu organicamente em paralelo com a minha experiência de Saramago. Componho muitas vezes assim, o que leio tem um grande efeito em mim. Os títulos também me são muito importantes, e que melhor lugar para os encontrar senão na grande literatura?

Matt Pavolka →●

SEBASTIÃO SALGADO POR PILAR DEL RÍO



tivamente humana.

O exercício da bondade que nos habilita como humanos não é tarefa fácil. Sebastião Salgado descobriu-o há anos, talvez no mesmo dia em que teve a certeza dilacerante de que a economia moral não era disciplina obrigatória nos estudos acadêmicos nem era prática habitual entre os profissionais que regem os destinos sociais e políticos. Então abandonou a sua profissão de economista e dedicou-se a ver o mundo para o mostrar na sua realidade mais dilatada, que é, não esqueçamos, a da fome, da pobreza, da ignorância, da falta da esperança, do esquecimento.

E Sebastião Salgado, dono dos seus olhos e do seu olhar, dono de uma ideologia e de uma faculdade portentosa para

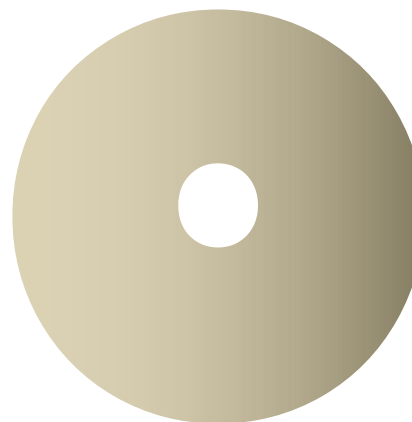
s olhos azuis de Sebastião Salgado são irrefutavelmente límpidos. A prova científica de que isso assim é obtém-se olhando o que ele já olhou: ninguém pode oferecer essa imagem de comiseiração e de denúncia sem ter partido de uma honestidade defini-

narrar com imagens, começou a percorrer os continentes demonstrando que nem a arte, nem a ciência, nem a filosofia, nem a religião puderam dominar o monstro, e tantas vezes o engordaram alimentando-o com as suas tetas. E aí está, retratada a branco e preto, as cores em que se chora, a perversão da escravidão, dos trabalhos forçados, da falta de água, dos êxodos dos desesperados em busca de um lugar que não tenha sido despojado pela ambição e pela crueldade. Salgado retrata rostos e grupos. Retrata a inocência das vítimas e por trás dessas expressões de cansaço e desespero vemos a face terrível dos responsáveis por tanta dor.

No fundo, Sebastião Salgado não abandonou a economia, simplesmente trocou os meios de analisar e aperceber o mundo. Com números de carne e estatísticas não de cifras, mas de pessoas com os seus próprios e singulares anseios, diagnostica e propõe soluções, porque os bens da terra dão para todos e porque a partir do seu posicionamento moral sabe que existem fórmulas para fazer da economia uma ciência de justiça e não de arbitrariedade. E assim foi construindo uma obra sólida, tão sólida e evidente que até os culpados pelo horror terão que tropeçar nela. Porque as fotografias

de Sebastião Salgado são mostradas em todo o mundo, as exposições sucedem-se, os discípulos multiplicam-se nesta determinação de dotar de voz os despojados e confrontar os verdugos com o rosto das vítimas. A escola de Salgado é ampla e transparente: o seu exemplo difunde-se e isto é um bom sinal, porque, para ver o mundo sem as lentes deformadas impostas pelos que ontem eram imperialistas, depois autoritários, depois liberalizadores e hoje globalizados no não pensamento, é imprescindível estar primeiramente dotado da força da honradez e da ambição da equidade, condições necessárias para ver humanamente.

As vítimas de todos os atropelos continuam a padecer da exclusão dos frutos da terra, mas talvez consigam agradecer ao homem branco de olhar azul que os projetou das minas, favelas, lodaçais, desertos, balsas ou da fome. Outros agradecerão, agradeceremos, o não poder alegar ignorância quando, dia a dia, fizermos nossas opções. Só os poderosos, sejam governos ou os que mandam na sombra, se sentirão inquietos ou tratarão de reduzir o reflexo do mundo que os seus retratos mostram a anedotas desconexas. Mas o fotógrafo sabe que não é assim, e conta-o.



olhar penetrante e definitivamente límpido de Salgado fulmina como um raio as consciências acomodadas. Talvez seja isto a consciência ética. Talvez o mapa da dor humana que Sebastião Salgado configurou seja a primeira condição para que se passe

para esses mundos e se lute contra a besta que continua engordando.

Hoje as fotografias são um clamor. Oxalá amanhã sejam uma reivindicação de esperança. Enquanto isso, Sebastião Salgado continua viajando com a sua câmara e o seu azul. Como o céu.

Texto escrito em 2000 e publicado originalmente em espanhol.

JOSÉ SARAMAGO

CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



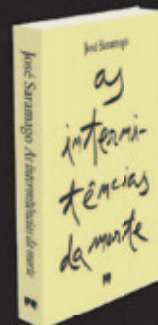
Eduardo Lourenço



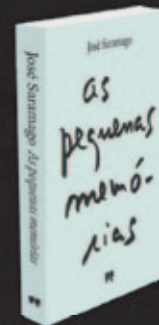
Armando
Baptista-Bastos



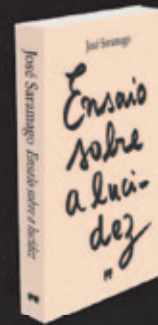
Mário de Carvalho



Valter Hugo
Mão



Gonçalo M.
Tavares



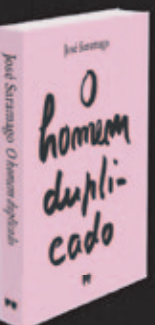
Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



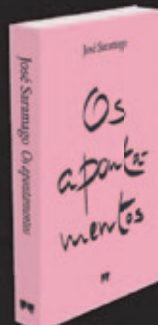
Júlio Pomar



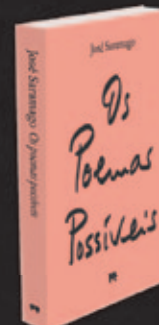
Lídia Jorge



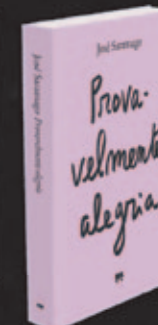
Mia Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

#revistablimunda

Neste ano de 2015 a revista *Blimunda* abre espaço para os fotógrafos da comunidade Instagram. Esperamos imagens relacionadas com o universo vasto da revista, dos livros e da leitura à música, das artes à sociedade, da cultura ao meio ambiente. Com ou sem filtros, a cores ou a preto e branco, queremos partilhar nas nossas páginas o olhar de quem nos lê. Serão elegíveis para publicação as fotos publicadas no Instagram com a hashtag #revistablimunda e depois enviadas para o e-mail blimunda@josesaramago.org.



@jaccmonteiro



@ruiandresoes



@estanteblog



@andante_a_a



@anacalhoa



@ruiandresoares

gerador

A PICAR O CÉREBRO PARA SEMPRE

O Gerador é uma plataforma de acção e comunicação para a cultura portuguesa. Aquela que nos define como portugueses. Descobre-nos através da Revista Gerador, nas bancas de todo o país, ou em facebook.com/acgerador

Gerador.
É a cultura portuguesa.



THE CHILD AND THE

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EM AVEIRO

BOOK

ANDREIA BRITES

CONFERENCE

A Conferência Internacional dedicada à literatura infantil e juvenil decorreu este ano, pela primeira vez, em Portugal. Na Universidade de Aveiro reuniram-se mais de 60 especialistas de diversos países, para refletirem sobre temas e abordagens fraturantes. Foi entre 26 e 28 de março. *Crossover* foi uma das principais palavras de ordem.

Motivações de uma conferencista

Raty Day abria a primeira sessão paralela de sexta-feira, logo depois do almoço. O tema centrava-se na defesa da liberdade das mulheres como fratura positiva. No seu tom acelerado, a jovem americana que faz um PhD em Cambridge, apresentou Alanna, a protagonista da tetralogia *The Song of the Lioness*, da também americana Tamora Pierce como paradigma narrativo. Em suma, Alanna é uma princesa que quer ser uma cavaleira, trocando de identidade com o irmão para o efeito. Todavia, quando a sua condição feminina é revelada, a protagonista não desiste da sua posição. É o primeiro sinal de poder. O segundo chega quando decide que a sua felicidade

será ao lado de um príncipe e para isso toma a iniciativa de lhe pedir a mão em casamento. Essa atitude heroica da protagonista que não se submete ao código masculino mas tem o poder de praticar os mesmos atos simbólicos é, segundo Katy Day, fraturante em sentido positivo, porque abre um caminho para que a realidade ali se reflita.

Os vinte minutos passaram num *flash*, consumidos pela expressividade da oradora, que entoava expressões irónicas e agitava as grandes mãos com entusiasmo. Contudo, a sua dinâmica escondia mais nervosismo do que podia parecer. Na véspera tinha assistido com descontração à conferência inaugural de David Rudd e às comunicações, mas afinal os nervos traíam-na no próprio dia. Está habituada a falar em público desde o liceu, mas não defendendo as suas próprias palavras. Efetivamente, é apenas a segunda vez que apresenta uma comunicação num congresso académico e a primeira tinha sido só uma semana antes. Escolhera participar no «The Book and the Child Conference» pelo prestígio internacional do congresso, que cumpriu em Aveiro a sua 11.^a edição. O tema ia ao encontro das suas análises teóricas no âmbito literário e para além disso, do ponto de vista pessoal, identifica-se com a ideia de desenraizamento, pelo que deseja assistir às mesas onde esta abordagem terá lugar.

A hegemónica classe média afasta, desde há pelo menos meio século, as crianças de todos os temas controversos ou considerados violentos.

David Rudd



O Making Of

Assim é o espírito deste congresso internacional que em Portugal adotou um modelo que fica a meio caminho entre o de Atenas, em 2014, e o de Oslo, em 2011. Ana Margarida Ramos, a principal responsável pela realização do congresso na Universidade de Aveiro, explicou à *Blimunda* que em Oslo se encontravam poucas pessoas, que eram, quase na totalidade, quem levava comunicações para apresentar. Por razões de espaço, aquela edição foi bastante intimista e permitiu uma grande partilha de informação, reflexão e problematização entre pares académicos. Na Grécia, pelo contrário, participaram com comunicações pessoas de outras áreas, pelo que o congresso terá ganho em visibilidade e perdido em diálogo. Por isso aqui, confessa a professora, desejava-se que o modelo se aproximasse do de Oslo. No entanto, a comissão científica foi literalmente invadida por candidaturas pelo que o número de comunicações simultâneas foi um pouco superior. Na preparação das sessões paralelas

que decorreram durante o dia de sexta e de sábado teve-se também por isso em atenção não apenas o tempo para cada conferencista (cerca de 20 min.) mas também o tempo para a colocação de três ou quatro questões que Ana Margarida Ramos sabe, por experiência própria, sempre acontecer nestes espaços. E não falhou. Efetivamente, e apesar de o inglês ser a língua oficial do congresso, sem lugar à presença da língua materna, as pessoas assumem-na como língua de comunicação e usam-na sem pruridos, com os mais variados sotaques e eventuais gaguejos. Nada impede ninguém de questionar, de tal maneira que as conversas se prolongam e cruzam entre conferencistas nos momentos de pausa para café ou almoço, que decorrem estrategicamente em salas contíguas àquelas onde decorrem as sessões. Se no primeiro dia o ambiente era ainda um pouco reservado, limitado a breves sorrisos, no sábado todos se cumprimentavam, mesmo quando, depois do final do congresso, se cruzavam nas ruas da cidade, agora em ritmo de passeio.

Facilmente se trocam ideias, se esclarecem dúvidas, se debate um conceito ou nasce um projeto embrionário. «Já estamos aí a falar de um mestrado internacional entre várias universidades. Estamos a pensar nisso, um projeto europeu...», afirma Ana Margarida Ramos enquanto resolve com

a investigadora Sandie Mourão questões logísticas relacionadas com um portátil. A nível financeiro houve suporte da Universidade de Aveiro como entidade organizadora mas a verba ficou curta. A FCT não apoiou e a Gulbenkian também não. O Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, da U. A., contribuiu com recursos humanos para o design, o secretariado e para a gestão financeira, assim como o Departamento de Educação e o Departamento de Línguas e Culturas que colaboraram assumindo algumas despesas. Apesar disso, a organização conseguiu saldar as suas contas.

Houve, em grande medida, uma ajuda preciosa do voluntarismo e da boa vontade.

 e entre os bolseiros, Alexandra Ribeiro tratou de todo o grafismo, a partir da ilustração de Madalena Matoso: site, cartões de identificação, t-shirts, material de divulgação e informação, tudo esteve a seu cargo. A equipa de alunos foi diversa, desde os tímidos aos destemidos que em duas ou três palavras assumiam

a responsabilidade de guardar computadores, chaves, preparar as mesas para as sessões e abrir portas à hora certa. Disponíveis, centrados e responsáveis, chegaram a acompanhar, durante um período, a filha de uma conferencista brasileira. Quando lhes perguntámos se, para além dessas qualidades comprovadas, também liam responderam enfaticamente que sim, que perguntar até era uma ofensa! Pudemos verificá-lo no dia seguinte: na entrada do departamento de Educação, sentados no balcão do secretariado, ouviam silenciosamente uma colega que lia em voz alta o álbum *Onde Moram as Casas*, de Carla Maia de Almeida. Apanhados em flagrante, confessaram que estavam a fazer horas do conto enquanto descansavam das suas funções, suspensas durante as comunicações. No encerramento do congresso, a professora não se esqueceu da equipa e foram chamados ao palco, um a um, para que lhes fosse entregue o seu certificado de participação.

Os outros alunos de literatura para a infância e juventude e de literatura e formação de leitores, ambas lecionadas por Ana Margarida Ramos, na sua maioria não marcaram presença: a língua e o valor da inscrição foram argumentos de peso. Quem foi, por outro lado, surpreendeu-se com a apreensão do inglês passado umas horas. E acrescentou que levava o pensamento mais organizado.

**Crossover é a leitura que
é feita em simultâneo
por um leitor infantil
implicado e um leitor
adulto implicado, e não
com mediação um do outro.**

Äse Marie Ommundsen



O principal propósito deste Congresso Internacional foi sempre, desde a sua primeira edição em 2004, o de juntar investigadores, experientes e iniciantes, em torno de uma partilha e reflexão sobre os temas em estudo acerca da literatura infantil e juvenil. Aveiro não foi exceção. O tema «Fractures and Disruptions in Children's Literature» vinha há muito burilando na mente de Ana Margarida Ramos, que viu neste Encontro uma grande oportunidade de o colocar em discussão de modo plural, chegando tão longe quanto possível. A organização dos 29 painéis onde se apresentaram mais de 60 comunicações foi um trabalho de perícia. Depois de avaliados todos os resumos a concurso, analisados por um comité científico que não conhecia a identidade ou *curriculum* dos seus autores, foram seleccionadas aproximadamente 70% das propostas enviadas. Em seguida, criaram-se mesas temáticas que as agrupavam, dando uma ideia bastante clara da profusão de abordagens possíveis aos temas fraturantes: género, política e ideologia, refugiados e exílio, cânone, perda e trauma, identidade, sexualidade, religião, violência e guerra, foram apenas alguns deles. O álbum, a narrativa juvenil, a abordagem educacional, o digital e a arte foram outras âncoras orientadoras.

Crossover, um busílis fraturante



Desengane-se porém quem acredite ser possível organizar mentalmente tudo que foi dito neste Congresso. A cada dia o puzzle parecia ter mais peças, e algumas contraditórias. Quando, no final da Conferência Plenária de Sandra Lee Beckett sobre o *crossover* nos *picturebooks*, Hans-Eino Ewers a interpelou sem obter resposta houve quem se surpreendesse. Outros, inversamente, aproveitaram a oportunidade para contribuírem com os seus pontos de vista. Afinal, os exemplos apresentados pela professora e investigadora canadiana para defender que os álbuns podem ser considerados um supergénero, onde cabem todas as experiências e leituras de crianças e adultos, reduz-se apenas a uma perspetiva estética? O académico alemão apontou o dedo a exemplos como *Emigrantes*, de Shaun Tan, ao autor Fabian Negrin ou a um álbum-poema de Frédéric Clément editado pela Albin Michel e questionava se não são estes livros artísticos e não livros potencialmente lidos por crianças. Ao deslocar para a receção o sentido de *crossover* que

Sandra Lee Beckett ali analisava do ponto de vista da criação, inventariando fraturas na categorização histórica do álbum desde o início do século XX, Hans-Eino Ewers permitiu que Janet Evans defendesse que todos aqueles álbuns poderiam ser lidos por crianças. «Se não são lidos, é porque os adultos não lhes dão!», afirmou a investigadora que na manhã desse dia partilhara a sua experiência de leitura de álbuns controversos com crianças entre os 4 e os 11 anos.

O *crossover* foi, provavelmente, o conceito mais ouvido, reconhecido e aplicado durante esta edição do «The Book and The Child Conference». Das quatro sessões plenárias, apenas a de David Rudd não integra a palavra no título. Apesar de não abordar o tópico ao longo da sua conferência, o facto é que ao traçar um percurso histórico sobre os elementos fraturantes que povoaram e povoam a literatura infantil e juvenil não é impossível relacioná-los com o fenómeno do *crossover*. Quando considera que a hegemónica classe média afasta, desde há pelo menos meio século, as crianças de todos os temas controversos ou considerados violentos, o professor de Roehampton não evita o mediador e a problemática da receção, central e definidora da literatura infantil e juvenil na sua especificidade.



o invés, Hans-Heino Ewers, Sandra Lee Beckett e Åse Marie Ommundsen abordam o *crossover* como núcleo programático das suas intervenções e, apesar de se tocarem, fazem-no de forma complementar ou autónoma. O primeiro centra o fenómeno do *crossover* na crítica e na receção. Isto significa que parte da literatura que aproximou crianças e adultos cresceu nas margens da literatura legitimada: a ficção científica, o livro infantil, o fantástico, a banda-desenhada, por exemplo. Ainda que a ortodoxia literária não aceite a liberalização da ideia de literatura. «Devíamos estar orgulhosos por a literatura infantil ter penetrado na classe média e ter despertado a curiosidade dos pais: “Porque gostam os meus filhos deste livro?”», questiona, referindo-se a Harry Potter ou aos livros de Michael Ende. Sandra Lee Beckett opta por anular alguns limites para o álbum que o associa, tradicionalmente, à criança como destinatário ideal, apresentando álbuns que se ligam a estéticas cinematográficas, teatrais ou mais performativas, como o livro-objeto, ou ainda usando a imagem para criticar outros usos que lhe são dados, como na publicidade, por exemplo. «Não excluo nada

***O leitor implicado é aquele
que tem maturidade para
ler o livro a que se propõe.
Essa implicação depende
da sua experiência própria
e testemunhal, ou seja, da
leitura cognitiva.***



Xiaofei Shi

dos picturebooks.», é a sua conclusão, depois de considerar que, pela sua versatilidade técnica, formal e estética, o álbum é um supergénero. Finalmente, a norueguesa Åse Marie Omundsen, que fechou o Encontro, abre a sua conferência identificando a sua definição de *crossover*: «É aquela leitura que é feita em simultâneo por um leitor infantil implicado e um leitor adulto implicado, e não com mediação um do outro.»

O que é isso de ser implicado? A partir daqui podemos caminhar pelo mapa das sessões plenárias e encontrar Xiaofei Shi, que defende que o leitor implicado é aquele que tem maturidade para ler o livro a que se propõe. Essa implicação depende da sua experiência própria e testemunhal, ou seja, da leitura cognitiva.



Novo conceito, que nos leva ao estudo de campo apresentado por Jennifer Farrar e Emma McGilp sobre o que de facto as crianças valorizam nos livros que leem. Ou no reconhecimento da identidade que o adolescente grego encontra nas novelas sobre a guerra

de Loty Petrovits-Androutsopoulou, de acordo com a comunicação de Tasoula Tsilimeni.

Ainda, escolher outra direção e relacionar esta maturidade com o desafio da metanarrativa, que a professora brasileira Diana Navas explora a partir da narrativa juvenil de Lygia Bojunga, *Retratos de Carolina*. Trazer para o livro uma estrutura que denuncia o seu processo de conceção convoca o leitor a construir o próprio discurso, implicando-o nas hesitações, suspensões, intertextualidades, variações de vozes e até noutras narrativas intercaladas.

O palimpsesto compõe-se sucessiva e intensamente, até ao encerramento. A quem estuda, a quem se dedica à literatura infantil e juvenil, cabe a missão de continuar questionando, pesquisando, lendo, refletindo e problematizando.

«The Book and The Child Conference» regressa em 2016. Desta feita na Polónia, em maio. O tema é igualmente sugestivo: Brincar.

Charles Perrault

São bagatelas, disse Charles Perrault no prefácio aos seus *Contes*, mas encerram ensinamentos morais a pretexto de entreter.

Tinha razão. Os seus recontos de histórias populares, destinados originalmente à corte do Rei-Sol, Luís XIV, têm ensinado sucessivas gerações a ambicionar um pé minúsculo e delicado que caiba no sapatinho de cristal; a recluir o lobo mau; a desconfiar das madrastas e a contar com as madrinhas; a tentar enfiar a bota da boneca no gato lá de casa; a espalhar migalhas na floresta para reencontrar o caminho; e muitas outras coisas úteis.

Recontados de várias formas e por vários meios, mesmo nas suas versões delicadoces e *disneyficadas*, estes contos alimentam os preconceitos, a imaginação, as travessuras e os pesadelos de todos nós há mais de três séculos.

Ana Saldanha
Escritora



Peter Pan

Herói de títulos no teatro, literatura e cinema, foi criado em 1902 por J. M. Barrie. Voa como um pássaro e recusa-se a crescer. Passa a sua eterna infância a viver aventuras na Terra do Nunca, uma ilha encantada onde há piratas, fadas e sereias, e onde as crianças são crianças para sempre. Rebelde, corajoso e muito orgulhoso dos seus feitos e habilidades, é o líder dos Meninos Perdidos, amigo da fada Sininho, e inimigo mortal de Capitão Gancho, um pirata que tem um gancho no lugar de uma mão, e contra quem enfrenta perigosos duelos de vida ou de morte. Com Wendy tem uma relação especial, uma rapariga que vive no mundo real e a única pessoa que o faz considerar o regresso ao sítio onde as crianças crescem e se tornam adultos.

Madalena Moniz
Ilustradora

Eu Acredito
David Machado
Alex Gozblau
Alfaguara



Alex Gozblau não é propriamente reconhecido pelas cores alegres nem pelas formas estilizadas influenciadas pelo design gráfico. Inversamente há na ilustração deste autor uma nebulosa poética que cria um cenário favorável à transfiguração. Não se trata de um universo fantástico mas eventualmente fantasmagórico que sempre se relaciona bem com um elemento como o da memória ou do sonho. Por isso o diálogo com a sucessão de anáforas que David Machado enuncia pela voz de um pequeno protagonista funciona muito bem. O texto apresenta-se como uma elegia à imaginação que dá contexto aos medos, evita inevitabilidades e justifica o funcionamento do mundo e das coisas muito para além das fronteiras da causalidade, funcionalidade e tempo. A ilustração representa cada afirmação, dando-lhe uma dimensão espacial e existencial



que tem início num *close up* noturno e regressa, no fim do ciclo, ao escuro agora misterioso que vive por trás da enorme cortina, antes do desenlace em

jeito de posfácio que se resolve com recurso a uma ilustração tipográfica. O tempo deste menino não será exatamente o do presente, di-lo a sua roupa e

o quarto que habita. Na vida deste menino há uma testemunha, o gato preto. No seu papel discreto, a sua simples presença une as duas dimensões do discurso do protagonista: aquela em que vive e lhe oferece os estímulos, e aquela outra, fruto da sua leitura e recriação. Um dia ventoso ou chuvoso é perfeitamente reconhecível mas pode não se esgotar ali se, como o menino, acreditarmos em monstros para lá das montanhas ou que os peixes podem chegar ao céu. Neste programa onírico tudo parte de uma outra forma de ver, um olhar encantado sobre os lençóis a secar, uma cadeira, uma palavra escrita num *outdoor*. Mas não se esgota ali. Acreditar implica aceitar sem provas. Por isso o menino que acredita assume não apenas outro olhar mas aquilo que o olhar não vê, como as árvores que se espreguiçam secretamente. David Machado desconstrói o

sentido literal das narrativas, os lugares-comuns e contraria-os com contaminações metonímicas que se verificam no espaço, no tempo, na inversão de posições. O outro, mesmo que viva numa história e seja um fantasma, um sonho, uma fada ou um carneiro, é colocado lado a lado com o narrador nesta relação dialógica sem barreiras. À poética do escritor, Alex Gozblau acrescenta muito: cada quadro reconfigura uma assunção muitas vezes abstrata. É o movimento do menino e o seu lugar no espaço que lhe conferem uma biografia. Acontece, por exemplo, nas ilustrações do quarto, ou dos passeios pela rua. Igualmente, a ilustração do menino a gritar no telhado ou aquela em que está sentado em cima da mesa, de costas, a observar a cadeira que se encontra à sua frente permite ao leitor um exercício de reconhecimento, seja da ação



seja da motivação. *Eu Acredito* cresce na relação entre luz e sombra e apresenta-se como vestígio. No fim, tudo se

resume a manter viva a marca, o registo de uma palavra para que o seu significado permaneça. No fim, era o verbo.

Prémio Alma Primeira vez em África

É a primeira vez na história do ALMA que o prémio vai para o continente africano e a terceira para uma instituição de promoção da leitura. O PRAESA (Project for the Study of Alternative Education in South África) existe desde 1992 e está sediado na Cidade do Cabo, na África do Sul.

O seu principal objetivo é o de levar o livro e a leitura a diversas comunidades, especialmente as mais desfavorecidas. Aposta na divulgação literária e na leitura nas diversas línguas autóctones para desenvolver a autoestima e a identidade de crianças e adultos. Para além de diversos clubes de leitura, o PRAESA trabalha em cooperação próxima com o meio editorial. A sua diretora, Carole Bloch, considera o prémio essencial pela visibilidade e pelas ações que vai permitir financiar.



100 anos, 100 álbuns Bernardo Carvalho entre os melhores

Escolher os melhores 100 álbuns dos últimos 100 anos não parece tarefa nada fácil. A ingrata tarefa coube a Martin Salisbury, colecionador e professor na Cambridge School of Art. Seguindo critérios estéticos e procurando fugir do mais óbvio, o autor assume a subjetividade da escolha e explica algumas opções no *The Guardian*. Ao lado de nomes como Maurice Sendak, Peter Newell, Tomi Ungerer ou Kitty Crowther está o de Bernardo Carvalho e do seu título *Praia Mar*. Há ausências notadas, como Dr. Seuss, Shel Silverstein ou Eric Carle. Em contrapartida, Bruno Munari, Leo Lionni, Beatrice Alemagna, Kvetá Pakovska e Judith Kerr marcam o seu lugar.



Ilustratour Nova casa, novo modelo

Para esta 8.ª edição a Ilustratour muda de local e de formato. O festival internacional de ilustração, que acontecia em Valladolid, abrirá portas na Casa del Lector, em Madrid, local onde está sediada a I con I, associação organizadora do festival. O modelo de duas semanas de formação mediadas por um fim de semana de apresentações e conversas caiu perante uma programação de uma única semana (entre 20 e 26 de julho) onde a três modelos de formação se juntam diversas propostas para o público em geral. Anthony Browne, Javier Zabala e Emiliano Ponzi são alguns dos autores que estarão na Ilustratour, em encontros de entrada aberta e gratuita.



Feira do Livro Infantil de Bolonha Ponto da situação

No seu blogue dedicado ao livro e à leitura, a investigadora espanhola Ana Garralón deixa aos leitores uma crónica sobre a mais recente edição da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, que decorreu entre 30 de março e 2 de abril. Aqui tece algumas considerações sobre as tendências que encontrou por lá, dedicando especial atenção à qualidade da ilustração por contraponto à escassez de escritores para a infância, ao desenvolvimento da qualidade editorial da América Latina, e ao acesso que as pequenas editoras têm vindo a ganhar nas montras globais. Há também lugar para os Prémios BOP e Books and Seeds, especialmente criado este ano por causa da Expo Milão e dedicado em exclusivo a temas relacionados com a agricultura, alimentação, biodiversidade e cozinha.



saramaguiana

UMA DAS FLORES MAIS
BONITAS DO
MUNDO
ONDJAKI

UMA DAS FLORES MAIS BONITAS DO MUNDO

Texto lido em março de 2015, em Washington, na sessão de homenagem a José Saramago integrada no programa do Festival Iberian Suite.

Uma das coisas mais bonitas do mundo são as flores. o lado ridículo desta afirmação nem pode ser discutido. varia de pessoa para pessoa. varia de olhar para olhar.

outra das coisas mais bonitas do mundo são as crianças. e os velhos. as suas texturas, as suas mãos, as flores nos seus olhares.

há sempre um vértice misterioso, metafísico, onde se dá o encontro destas coisas e destas pessoas. destas mãos. destes olhares. esse vértice, profundo, misterioso, múltiplo e vasto, reside numa palavra: «palavra». a palavra é o grande quintal onde as pessoas se sentam para exercitar a humanidade.

nesse quintal, sentados, desatentos, desumanos, bélicos, as pessoas fazem uso da palavra para forçar um sonho, para construir e materializar uma ideia, para inventar guerras. raras vezes usam a palavra para alimentar o sonho de compreender o outro. ou de aceitar o outro.

distraídos que andavam a «fazer o mundo», os seres humanos caíram na armadilha de inventar o objeto «livro». foi, talvez, a mais completa armadilha à escala do nosso universo: era composta de teias invisíveis, convoca umas armas «carregadas de futuro», expunha materiais tão explosivos quanto a imaginação, o desejo, o sonho,



a frustração, o brilho, as intensidades, o espelho, a vastidão, a contenção. sempre foi uma arma de vários gumes, exigia perícia no fabrico e manuseamento, e uma redobrada atenção e sensibilidade do ponto de vista de quem a

n recebia. os livros estavam cheios, digamos assim, de palavras perigosas. ascia o território inominável e amplo de uma série de factos que se combinavam para dizer algo ou quase nada. continha, o livro, essas pequenas maravilhas de contar e de lembrar chamadas «contos». e, não raro, continha longos manifestos de loucura, desenfreada e lírica, a que se chamou poesia. nunca mais a humanidade seria a mesma.

depois de conhecer o sangue, dizia uma parábola, a criança mudou todo o seu conhecimento sobre a cor «vermelha». e depois de provar, devolveu a si um rio espesso que era parte da sua textura líquida. ler era também experimentar a vida outra vez. ler e lembrar, não como exercício de memorização mas como experimentação de um futuro ou de um passado que não tinha lugar exato de acontecer. porque acontecia em nós. porque acontecia fora do tempo regular do sol e da lua.

há escritores que chegaram a esse mérito de desafiar os ciclos. de reescrever os códigos habituais porque, dentro deles, novas combinações humanas se revelaram. faz parte dessa estirpe a generosidade ou o génio de nos fazerem chegar esses materiais. escreve-se pintando. escreve-se fazendo. escreve-se até mediante formas efême-

ras que dependem dos olhos de quem está no lugar. mas é bem verdade que também se escreve com a articulação intencional das palavras.

S

aramago, parece-me, conseguiu conciliar a crença com a tranquilidade. soube escolher o caminho da observação e do discurso. aproximou as suas urgências a uma estética literária muito potente, singular e sua. teve esse dom, ou essa escolha, de optar pela coragem de dizer o que pensava e de repensar o que antes se havia solidificado. teve a delicadeza de procurar acertar o que ia dizendo ou escrevendo àquilo que o mundo precisava que se dissesse. tomo isso como um sinal de integridade e de coragem: há momentos em que tudo em nós é político ou é literário e o resultado disso é um discurso uno que nasce da urgência de comunicar, de dizer, de estar no mundo usando o exercício da palavra. De quantos

autores ou pessoas podemos dizer o mesmo...?

...

lembro-me de um personagem de um livro da minha infância. tinha, esse homem, o dom de fazer hipnose coletiva. indagado sobre essa habilidade, respondeu: «é preciso acreditar na invisibilidade». espantado, o interlocutor quis saber se isso resultava; se, no meio de uma multidão, todos acreditavam nisso, permitindo-lhe



assim passar despercebido ou invisível. ao que mandrake respondeu: «não são os outros. és tu que tens que acreditar. e depois seguir em frente.»

crer. acreditar. ter crença. palavras difíceis e também de perigoso manuseamento.

acreditar em si. tanto quanto a semente espera a chuva para avançar. seguir em frente. eclodir. fazer a gigantesca minúscula mudança que o mundo espera de cada semente.

...

há livros que são como sementes. em vez de os regarmos, podemos bebê-los. há livros que fizeram um inimaginável trajeto: fogem do concreto para o abstrato humano; saem do estado de planta para regressar ao início das coisas, e «regridem» para o estágio de semente. mas «regridem» em direção ao futuro: como flores misteriosas. e belas. há flores que estão em todo o lado à espera de uma colisão: um gesto que seja de olhar ou incorporar.

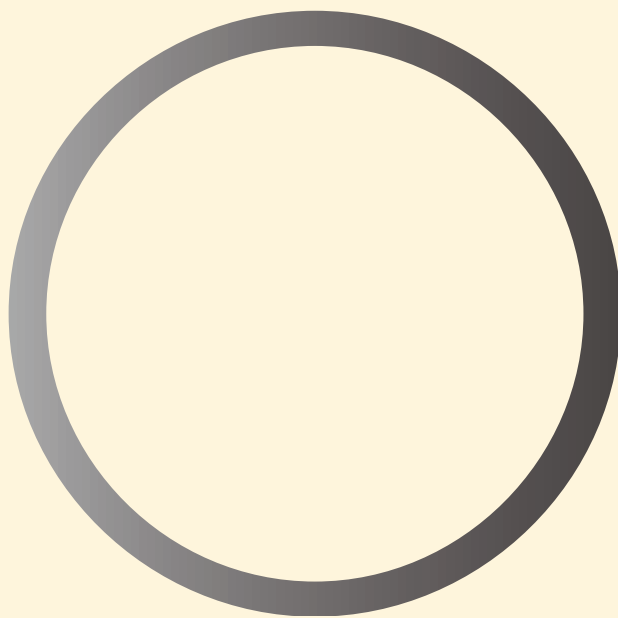
chamam-se livros. chamam-se sementes. tanto faz.

uma das flores mais bonitas do mundo chama-se José Saramago.

saramaguiana

SE NÃO SAIS DE TI, NÃO
CHEGAS A SABER
QUEM ÉS

ADRIANA LISBOA



Times enviou certa vez uma pergunta a alguns autores de renome: «O que há de errado com o mundo de hoje?» Diz a lenda que a resposta de Chesterton foi, «Prezados Senhores: eu.» Se a história é verdadeira ou não, ainda assim faz refletir. De acordo com a Oxfam, mais de metade da riqueza do mundo estará nas mãos de um por cento da população no próximo ano, conforme a desigualdade aumenta. O World Wildlife Fund nos informa que o atual desaparecimento de espécies é considerado de mil a dez mil vezes maior do que a taxa de extinção natural. O último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas afirma que a influência humana no clima é clara, e as nossas emissões

recentes de gases de efeito estufa são as maiores da história. O que há de errado, então, com o mundo de hoje?

Quando descobri a ficção de José Saramago, eu tinha dezoito anos. Folheava alguns títulos numa feira do livro no centro do Rio de Janeiro, e me deparei com um de seus romances. Tive a imediata impressão de que ele estava fazendo a mesma pergunta: O que há de errado com o mundo de hoje? E, como Chesterton, respondia: Eu. Nós.

É claro que não lemos livros de ficção em busca de tutela moral, e panfletagem não é o propósito da literatura. A poesia e a ficção são seu próprio fim. Para fazer coro com Fernando Pessoa, a literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta.





esmo que o objetivo principal da literatura seja o de ser literatura, porém, alguns livros e poemas nos fazem pensar sobre o estado das coisas. Alguns não. Os livros de Saramago sempre estiveram, para mim, na primeira categoria.

O primeiro romance seu que descobri não era fácil de ler. Não era trivial, não era simples. Mas após as primeiras páginas eu já estava enamorada. Seu estilo era tão absolutamente novo para mim que eu precisei me adaptar a ele, por assim dizer. Treinar meu ouvido um pouco. Tratava-se de *Memorial do convento*. A partir de então, porém, tornei-me ávida leitora sua. Saí à caça de seus outros livros disponíveis no Brasil, como *A Jangada*

de pedra, *História do cerco de Lisboa*, e meu favorito, *O Ano da morte de Ricardo Reis*, enquanto aguardava ansiosamente cada novo lançamento.

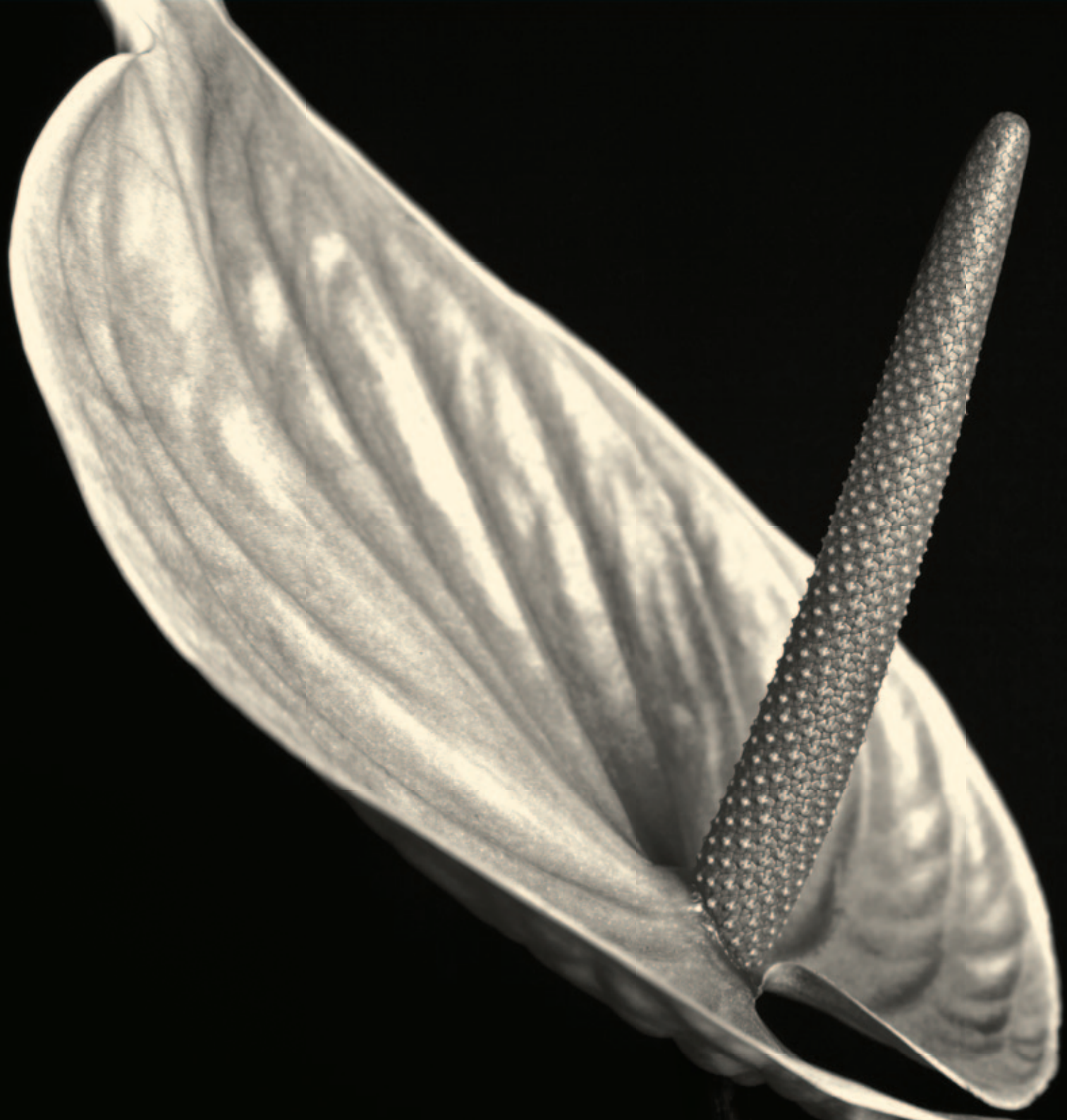
Nessa época, eu não achava que viria a me tornar escritora. Estudava para ser musicista. Mas o meu verdadeiro amor sempre havia sido a literatura, então finalmente decidi arriscar a escrita de um romance. Eu tinha 26 anos, e definitivamente listaria Saramago entre minhas influências mais importantes. Que surpresa enorme quando, algum tempo depois, em 2003, meu editor me telefonou certa manhã para me dizer que o meu segundo romance havia recebido um prêmio em Portugal criado em homenagem a José Saramago, que poucos anos antes fora premiado com o Nobel.

embro-me com alegria e gratidão do dia em que conheci José e Pilar em Lisboa, na ocasião da cerimônia do Prêmio José Saramago. Eu queria falar a ele da enorme importância que tivera na minha vida. Aproximei-me do meu herói literário muito sem jeito, e tentei dizer algo que eu não sabia exatamente o que era, mas ele entendeu. Sua resposta à minha timidez foi um gesto amável com a mão, tranquilizando-me silenciosamente: «Está tudo bem, você não precisa dizer nada brilhante.»

Mas o que foi que me fascinou na ficção de Saramago?

Antes de mais nada, o tratamento cuidadoso dispensado à língua portuguesa, que ele foi capaz de moldar e transformar num idioma todo seu. Os livros de Saramago são inconfundíveis, e testemunham seu imenso respeito pela língua, bem como do prazer que ele visivelmente encontrava no trabalho do texto. Sempre vislumbrei nele uma alma de poeta.

Em segundo lugar, seus personagens, tão tridimensionalmente humanos: gente lutando para sobreviver, vitimada pela pobreza e por tanta injustiça, mas ainda assim capaz de criar e ver beleza, como o fio azul de lã preso entre os dentes de um cão em *A jangada de pedra*. Gente que é capaz de amar. Sonhadores, ou visionários, que almejam obter um barco para poder se lançar à procura de uma ilha desconhecida – pois é impossível que já não exista uma única sequer. «Se não saís de ti, não chegas a saber quem és,» diz-nos um dos personagens do *Conto da ilha desconhecida*.



E finalmente a pergunta que paira sobre tudo: O que há de errado com o mundo?, Saramago nos pergunta. O que diabos estamos fazendo a nós mesmos, às nossas comunidades, aos animais, rios, oceanos e florestas? Estará a nossa visão comprometida, como a dos personagens de *Ensaio sobre a cegueira* – ou, pior ainda, estaremos cegos à nossa própria dificuldade de enxergar? Como os homens do mito da caverna, de Platão, que Saramago também usou como um ponto de partida para um romance, será que confundimos sombras e realidade?

Por quanto tempo, nesta cegueira auto-infligida, será que ainda continuaremos a priorizar o lucro em detrimento da felicidade, procurando o sentido da nossa vida num ciclo interminável de aquisição, descarte e mais de aquisição, e empurrando valores como compaixão e empatia para as margens da nossa consciência? Por quanto tempo será que vamos continuar a violentar a terra, cauterizar o céu, matar os animais aos bilhões e permitir que desigualdade tal como a detectada pela Oxfam continue a existir? O que está errado com o mundo de hoje?

E stamos a destruir o planeta,» Saramago escreveu certa vez, «e o egoísmo de cada geração não se preocupa em perguntar como é que vão viver os que virão depois. A única coisa que importa é o triunfo do agora. É a isto que eu chamo a cegueira da razão.» Em recente conferência, o monge budista francês Matthieu Ricard comentou ter ouvido o bilionário Steve Forbes ser informado, na Fox News, sobre o aumento do nível do mar, e responder: «Acho um absurdo mudar meu comportamento hoje por causa de algo que vai acontecer daqui a cem anos.»

Albert Schweitzer disse: «Eu sou vida que quer viver, rodeada de vida que quer viver. É como vontade de vida rodeada de vontade de vida que o homem se concebe a si mesmo, toda vez que ele medita sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia.»

Quantos, hoje, sustentariam o desafio ético de Albert Schweitzer? O que faz de Saramago um dos escritores mais importantes de nosso tempo não é apenas o brilho de sua obra literária, mas também como ele nos exorta a atentar para a responsabilidade de estar no mundo. Afinal de contas, «Se não saís de ti, não chegas a saber quem és.»



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



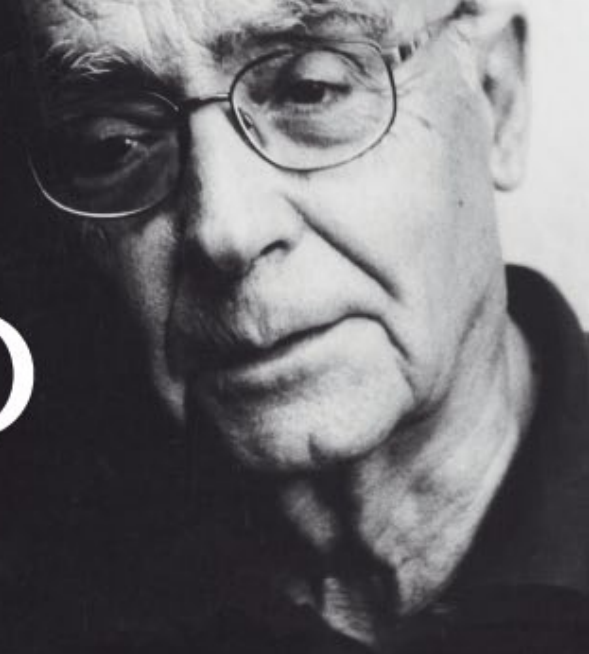
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



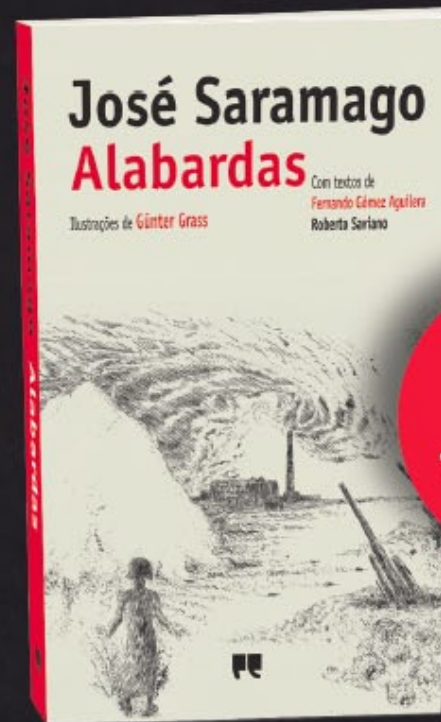
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



A Até
B 31 mai

**Cabañas
Para Pensar**

Exposição criada
por Eduardo
Outeiro que reflete
sobre a relação
entre os criadores e
os seus espaços de
trabalho.
Madrid, Circulo de
Bellas Artes.



Até
30 abr

**O Rio
de Janeiro
no Cinema**

Mostra
cinematográfica
organizada
pelo Museu de
Arte Moderna,
percorrendo filmes
onde a cidade
maravilhosa tem
papel de destaque.
Rio de Janeiro,
Museu de Arte
Moderna.



Até
31 mai

**59.º Salon de
Artes Plasticas
Manuel
Belgrano**

Exposição das
obras concorrentes
e premiadas do
prémio anual
organizado pelo
Museo Eduardo
Sívori.
Buenos Aires,
Museo de Artes
Plasticas Eduardo
Sívori.



Até
20 jun

Cara a onde?

Ciclo de
conferências, Cara a
onde? Observando
a transformacón
cultural e social
desde a literatura
reúne escritores
e pensadores em
debate.
Santiago de
Compostela, Centro
Galego de Arte
Contemporánea.



Até
21 jun

Círios

Instalação do artista
Wagner Malta
Tavares a partir da
leitura do poema
homónimo de
Constatinos Kavafis.
São Paulo, Museu
de Arte Moderna.



A
B
R
I
L

**Até
28 jun**

**Picasso/ Dalí.
Dalí/ Picasso**

Exposição que
coloca em diálogo
obras de Pablo
Picasso e Salvador
Dalí, destacando
aspetos e
recusando lugares-
comuns.
Barcelona, Museo
Picasso.



**Até
2 ago**

Génesis

Exposição de
fotografia de
Sebastião Salgado,
com imagens
captadas ao
longo de mais
de uma década,
onde a natureza é
elemento central.



**23 abr
a 3 mai**

Indie Lisboa

Décima segunda
edição do festival
internacional
de cinema
independente,
com filmes em
competição.
Lisboa, vários
lugares.



**7 a
10 mai**

Judaica

Depois de uma
passagem por
Lisboa, a mostra
de cinema e
cultura judaica
prossegue com
filmes, conversas,
exposições e feira
do livro.
Belmonte, vários
lugares.



**8 a
11 mai**

**Literatura
em Viagem**

Mais uma edição do
festival literário que
reúne escritores
e leitores em
torno da Viagem e
das suas escritas
possíveis.
Matosinhos,
Biblioteca Municipal
Florbelas Espanca.

Blimunda, Número especial

anual / 2014, em papel.

disponível nas livrarias

portuguesas.

Encomendas através do site

loja.josesaramago.org

